

# CARTAS A GUALEGUAYCHÚ

*Declaración de  
Interés Municipal*  
Intendencia de Gualeguaychú

*Declaración de  
Interés Educativo*  
Dirección Departamental de  
Educación Gualeguaychú

**Plauto Cardoso**

oficina  
de arte y prosa

Plauto Cardoso –  
Padre de Joaquim y marido  
de Marcella, de todas sus  
actividades profesionales  
la que más le enorgullece  
es la de profesor.

Investigador y abogado  
en las áreas de Derecho  
Constitucional, Derechos  
Humanos, Metodología  
de la Investigación Socio-

jurídica, Derecho & Política y Derecho & Literatura.

Profesor del posgrado de la Universidad de Bolonia en  
Argentina, profesor invitado en el posgrado de la Fundación  
Getúlio Vargas/Rio, red convencional nacional, investigador  
parlamentar del Congreso de México (REDIPAL) y director  
del Instituto de Derecho de Integración de la Asociación  
Argentina de Justicia Constitucional (AAJC).

Eterno alumno, forma parte de la familia UBA en  
el Programa de Doctorado en Derecho Constitucional  
de la Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos  
Aires, Argentina. *Master of Laws - LL.M en Litigation*  
por la Fundación Getúlio Vargas (FGV-Rio). Magíster en  
Literatura Inglesa en la Universidad de Sussex, Inglaterra,  
y Especialista en Lingüística Aplicada en la Universidad  
de Brasilia (UnB).

Graduado en Derecho en la Universidad Cândido  
Mendes, Rio de Janeiro (UCAM-Ipanema), y en Letras en  
la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG).

En 2017 fue nombrado Catedrático para la Solidaridad  
y la Paz por el Parlamento Internacional de los Estados para  
la Seguridad y Paz de las Naciones Unidas (ONU).

Originalmente de Brasilia, DF, su biblioteca y su  
familia residen actualmente en Belo Horizonte, MG;  
trabaja en Brasil y Argentina y vive América del Sur como  
una única nación.



Fui a Gualeguaychú como profesor del prestigioso programa de posgrado en Justicia Constitucional y Derechos Humanos de la Universidad de Bolonia en Argentina y por invitación de mi mentor, amigo y profesor Jorge Bercholz. No me imaginaba que el viaje representaría un antes y un después en mi vida. En ese lugar reencontré hermanos de alma y establecí un vínculo con la ciudad que nadie consigue explicar de manera racional. Es parte de ese esencial a la vida, invisible a los ojos.

La columna mensual que ahora se convirtió en este pequeño libro-homenaje a la ciudad y a nuestros sueños, nació mientras nos deslizábamos por los Ríos del Yaguar Grande y de los Pájaros, el Gualeguaychú y el Uruguay. Fue así, en aguas internacionales, atreviéndonos solemnemente a ignorar las desconfianzas que han marcado nuestras historias conjuntas como naciones que la obra arrancó. Soñamos con una integración más allá de la letra del código mercosureño. Soñamos, como me dice Pampa, con nuestros hijos jugando unos con los otros, en una niñez conjunta guiada por la poesía de los cuentos y la sabiduría de nuestros ancianos. Decidimos vivenciar Sudamérica verdaderamente como una única nación, como una única patria.

Teniendo absoluta certeza y fe de que ningún prejuicio sobrevive a un mate o café con el otro, los invito a veredear juntos con *Cartas a Gualeguaychú* en las manos.



Municipalidad de  
**GUALEGUAYCHÚ**



ASOCIACIÓN  
ARGENTINA  
DE JUSTICIA  
CONSTITUCIONAL

# **CARTAS A GUALEGUAYCHÚ**



Plauto Cavalcante Lemos Cardoso

# CARTAS A GUALEGUAYCHÚ

Tradução / Traducción Português-Español: Florencia Bevacqua

Tradução / Traducción Español-Portugués: Plauto Cardoso  
(Prefácio, Pós-fácio, Agradecimentos e Introdução)

Ophicina de Arte & Prosa  
Belo Horizonte  
2018

*Cartas a Gualeguaychú*

Copyright@2018 by Plauto Cavalcante Lemos Cardoso

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem os meios, sem a permissão, por escrito, do autor.

Capa: artista – Gustavo Lacerda. © Devir (do latim *devenire*, chegar/100x 300cm) é um díptico impresso em chapas de metal que aborda as grandes migrações e o neocolonialismo. À medida que se aproxima da obra, o espectador percebe centenas de minúsculos nomes espalhados pela água. Representam os sobreviventes do grande naufrágio de abril de 2015 no Mar Mediterrâneo. Todos os nomes impressos na imagem foram coletados a partir das 5 nacionalidades desses sobreviventes (Bangladesh, Eritreia, Gambia, Mali e Senegal).

Tapa: artista – Gustavo Lacerda. © Devir (del latín *devenire*, llegar/100x 300cm) es un díptico impreso en placas de metal que aborda las grandes migraciones y el neocolonialismo. A medida que se aproxima a la obra, el espectador nota centenas de minúsculos nombres esparcidos en el agua. Representan a los sobrevivientes del gran naufragio de abril de 2015 en el Mar Mediterráneo. Todos los nombres impresos en la imagen fueron recolectados a partir de las 5 nacionalidades de esos sobrevivientes (Bangladés, Eritrea, Gambia, Mali y Senegal).

***Ophicina de Arte & Prosa***

Editora: Rachel Kopit

**Fotos da capa e orelha:** Gustavo Lacerda

**Diagramação:** Usina do Livro

**Tradução português-espanhol:** Florencia Bevacqua

**Tradução espanhol-português:** Plauto Cardoso

**Revisão do português:** Marcella Anversa Cardoso e Rachel Kopit

Catlogação-na-fonte

C268c Cardoso, Plauto Cavalcante Lemos.  
2018 *Cartas a Gualeguaychú* / Plauto Cavalcante Lemos  
Cardoso. Tradução Português – Espanhol Florencia  
Bevacqua - Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa,  
2018.

136 p.: il. ; 17,5 x 26 cm.  
ISBN: 978-85-9469-017-3

1. Poesia 2. Literatura 3. Narração I. Título. II. Bercholz, Jorge O.

CDD – 22. ed. – 809.1

Catlogação-na-fonte

Segemar Oliveira Magalhães CRB/6 1975

Ficha catalográfica: 20180528-51

*A Marcella, por supuesto.  
Para Marcella, claro.*





# Sumário | Índice

Agradecimentos .....	9
Agradecimientos .....	13
Prefácio .....	17
Prólogo .....	23
Apresentação.....	29
Presentación .....	33
Muros e medos.....	37
Muros y miedos.....	41
Panem et circenses .....	45
Panem et circenses .....	49
Direito e o amor, na vida, na morte e depois dela.....	53
Derecho y amor, en la vida, en la muerte y en el después .....	55
Pensando com os dedos .....	57
Pensando con los dedos .....	61
Os pequenos passos em direção ao inferno.....	65
Los pequeños pasos hacia el infierno.....	69

Livros e ríos como persoas .....	73
Libros y ríos como personas .....	77
Calçadas .....	81
Veredas .....	85
Vamos matar o criminoso? .....	89
¿Vamos a matar al criminal?.....	93
O outro sou eu.....	97
El otro soy yo.....	101
A insustentável leveza do ser.....	105
La insoportable levedad del ser.....	109
Um mundo mal humorado .....	113
Un mundo malhumorado .....	117
Chá Revelação .....	121
Fiesta de Revelación .....	125
Pósfácio: Não há espírito sem razão .....	129
Epílogo: No hay espíritu sin razón.....	133

## Agradecimentos

A primeira coluna não foi publicada. Era tão elogiosa e tão pessoal que a equipe do jornal me pediu outra e, assim, “Muros e medos” acabou abrindo a série. Seja como for, este é certamente o momento e o lugar para alguns reconhecimentos importantes.

Este sonho coletivo de integração de povos e países é a bandeira que nobremente é levada adiante por mais de uma década pelo mestre argentino que tanto me inspira, o professor Jorge Bercholc, e seus cúmplices brasileiros, os quais tive o prazer de ter como companheiros de viagem em minha primeira visita a Gualeguaychú, o desembargador federal e professor Carlos Rebelo Júnior e o reitor da Universidade Federal de Sergipe, o professor Angelo Antonioli. Homens visionários que, por suas virtudes e persistente luta, criaram o ambiente que fez possível as colunas publicadas no jornal *El Argentino* e que agora dão forma a este livro. A eles, o meu eterno agradecimento.

As colunas e, ao cabo, este livro, são provas de que o mais belo que conseguimos fazer em nossas vidas é sempre uma obra coletiva. Assim, este livro jamais teria sido possível sem os intrépidos membros da Sala de Audiência, o encontro semanal de almas benditas, como Arturo (Pampa) Dumon, Ricardo Golly, Juan Ignacio Weimberg, Marina Simón, Viviana Álvarez, María Paz Cerillo e Nahuel Maciel, entre outros.

A obra é tão colaborativa que até o título me foi sugerido por minha leitora mais implacável, minha musa inspiradora e esposa Marcella, a primeira leitora de todas as minhas colunas e a primeira a nelas intervir antes mesmo que sejam enviadas a Nahuel no jornal *El Argentino*. Obrigado, meu amor, por todo o seu apoio e por compreender com tanta nobreza a solidão da escrita.

A iniciativa da Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais em abrigar de maneira permanente em suas Coleções Especiais este matear mensal coroou estes esforços de integração entre nossos povos. Neste ponto, agradeço especialmente à coordenadora das Coleções Especiais, Eliani Gladyr, por tamanha generosidade. Por fim, agradeço a todo o carinhoso time da Biblioteca Estadual e o faço na pessoa de sua diretora, a senhora Alessandra Soraya Gino Lima e de seu superintendente, o poeta Lucas Guimaraens.

Gostaria de expressar meu especial agradecimento a minha tradutora de Rosário, Florencia Bevacqua, que tomou para si o desafio de me traduzir de maneira tão completa, que corrigiu em alguns pontos até as versões originais em português enquanto os traduzia, sugerindo adaptações culturalmente relevantes. Flor, o meu muito obrigado. Que prazer essa caminhada contigo.

Agradeço, ainda, aos extraordinários diretores do jornal *El Argentino* por acolher-me e fazer-me sentir em casa.

Quero também registrar meu mais profundo agradecimento ao professor Ricardo Rabinovich, diretor do programa internacional de cursos para o doutorado da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, minha querida casa, minha UBA. Este programa mudou minha visão de mundo, transformou minha vida. Obrigado, professor Ricardo, por sua generosidade em acolher-me como um filho da família UBA. *Viva la UBA!*

Agradeço também ao Dr. Patrício Maraniello, que, com sua generosidade, nos deu uma casa para os nossos sonhos com a criação do Instituto de Direito de Integração, parte da Associação Argentina de Justiça Constitucional.

Não posso deixar de agradecer ao meu amigo Gustavo Lacerda, o artista que generosamente nos permitiu utilizar sua obra na capa do livro. Companheiro de aventuras e sonhos há 31 anos, é um dos artistas brasileiros cuja sensibilidade mais admiro. Além da pertinência do tema tratado sublimemente na obra com a essência do livro, a foto foi tirada em Colônia do Sacramento, no Uruguai, olhando para minha Argentina. A obra tenho a sorte de ter em minha biblioteca pessoal e poder vê-la todos os dias. Não me deixa esquecer que também pertenceo àquele lugar. As colunas e este livro nasceram nas águas que formam o imponente Rio da Prata, personagem tão potente desta obra. Obrigado, querido Gustavo. Que honra!

Finalmente, quero agradecer ao meu filho Joaquim. No final das contas, como costuma dizer o meu amigo Pampa, sonhamos em ver nossos filhos brincando juntos. Obrigado, minha pequena fonte de luz, por dar-me ainda mais disposição para lutar por um mundo melhor para você.



# Agradecimientos

La primera columna no fue publicada. Era tan elogiosa y tan personal que la gente del diario me pidió otra, y así “Muros y miedos” terminó siendo la primera. Sin embargo, este seguramente es el momento y el lugar para algunos importantes reconocimientos.

Este sueño colectivo de integración de pueblos y países es la bandera noblemente llevada adelante por más de una década por el maestro argentino que tanto me inspira, el profesor Jorge Bercholz, y sus cómplices brasileños, a quienes tuve el placer de tener como compañeros de viaje en mi primera visita a Gualeguaychú – el juez camarista Federal y profesor Carlos Rebelo Júnior y el rector de la Universidad Federal de Sergipe, el profesor Angelo Antonioli –, hombres visionarios, que por sus virtudes y su persistente lucha, crearon el contexto que hizo posible estas columnas, y ahora este libro. A ellos, mi eterno agradecimiento.

Las columnas, y finalmente este libro, son pruebas de que lo más bello que logramos hacer en nuestras vidas es siempre una obra colectiva. Por lo tanto, este libro no hubiera sido posible sin los intrépidos miembros de Sala de Audiencia, el encuentro semanal de almas bendecidas, como Arturo (Pampa) Dumon, Ricardo Golly, Juan Ignacio Weimberg, Marina Simón, Viviana Álvarez, María Paz Cerillo y Nahuel Maciel, entre otros.



La obra es tan colaborativa que hasta el título me fue sugerido por mi lectora más implacable, mi musa inspiradora y esposa Marcella, la primera lectora de todas las columnas y la primera que interviene en ellas, incluso antes de enviárselas a Nahuel del diario *El Argentino*. Gracias mi amor, por todo tu apoyo y por comprender con tanta nobleza la soledad de la escritura.

La iniciativa de la Biblioteca Pública del Estado de Minas Gerais de abrigar de manera permanente en sus Colecciones Especiales este matear mensual, coronó estos esfuerzos de integración de nuestros pueblos. En este punto agradezco especialmente a la coordinadora de las Colecciones Especiales, Eliani Gladyr, por tamaña generosidad. Agradezco así también a todo el dedicado equipo de la Biblioteca Estatal, y lo hago en nombre de su directora, la señora Alessandra Soraya Gino Lima y de su superintendente, el poeta Lucas Guimaraens.

Quiero reconocer también especialmente a mi traductora rosarina Florencia Bevacqua, quien ha tomado el desafío de una manera tan completa que corrigió hasta los textos en portugués mientras los traducía y me sugería adaptaciones culturalmente relevantes. Flor, muchísimas gracias. Qué placer que fue caminar con vos.

Agradezco también a los extraordinarios directores del diario *El Argentino* por recibirme y hacerme sentir en casa.

Quiero expresar mi profundo agradecimiento al profesor Ricardo Rabinovich, director del programa internacional de cursos para el doctorado de la Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires, mi querida casa, mi UBA. Este programa me ha cambiado la mirada hacia el mundo, me ha cambiado la vida. Gracias profesor Ricardo, por la generosidad en acogerme como un hijo de la familia UBA. ¡Viva la UBA!

Agradezco también al Dr. Patricio Maraniello, que con su generosidad nos ha dado una casa para nuestros sueños, propiciando la creación del Instituto de Derecho de Integración, parte de la Asociación Argentina de Justicia Constitucional.

No puedo dejar de agradecer a mi amigo Gustavo Lacerda, el artista que generosamente nos permitió utilizar su obra en la tapa de este libro. Compañero de aventuras y sueños hace 31 años, es uno de los artistas brasileños cuya sensibilidad más admiro. Además de la pertinencia del tema tratado sublimemente en la obra en relación a la esencia del libro, la foto fue sacada desde Colonia del Sacramento, en Uruguay, mirando hacia mi Argentina. La obra, tengo la suerte de tenerla en mi biblioteca personal y poder mirarla todos los días. Me recuerda mi pertenencia a ese lugar. Las columnas y este libro, al final, nacieron en las aguas que forman el imponente Río de la Plata, personaje tan potente de esta obra. Gracias, querido Gustavo. ¡Un honor!

Finalmente, me gustaría agradecer a mi hijo Joaquim. Al fin y al cabo, como suele decir mi amigo Pampa, soñamos en ver a nuestros hijos jugando juntos. Gracias mi pequeña fuente de luz, por darme aún más ganas de luchar por un mundo mejor para vos.



## Prefácio

É um grande prazer para mim prologar *Cartas a Gualeguaychú*, esta compilação original e vibrante de artigos do versátil professor e amigo Plauto Cavalcante Lemos Cardoso. Sua versatilidade não é casual ou mero produto de uma inspiração anárquica. Trata-se de uma habilidade própria e obtida mediante sua variada, rica e intensa formação acadêmica. Tão intensa que, como cabe a um acadêmico de verdade, nunca acaba e, de fato, no caso de nosso autor, continua atualmente com grande dedicação em seu doutorado na Universidade de Buenos Aires.

Essa interessantíssima e variada coleção de crônicas, que Plauto publicou no jornal *El Argentino* da província de Entre Ríos, é fruto dessa formação versátil, dúctil, flexível, que permite a Plauto articular, com naturalidade, temas políticos-institucionais complexos e densos, com tensões sociais e culturais próprias de nossa região, além das costumeiras tintas de nosso realismo mágico subcontinental.

Plauto é um jurista com especial apego a temas de Direito Constitucional, mas como também é advogado praticante em seu escritório, possui esse duplo caráter de acadêmico que tem internalizadas as exigências próprias da vida científica e as do *practitioner*, como ressaltam os anglosaxões, que lhe dão o contato cotidiano com a vida real, com os problemas

e as preocupações diárias da gente comum. Não é somente um intelectual isolado em sua torre de cristal.

Além disso, sua sólida formação como jurista já denota essa versatilidade que mencionei nos parágrafos anteriores. Advogado graduado pela Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, obteve, em seguida, no *FGV Law Program*, o programa internacional da prestigiosa Fundação Getúlio Vargas/Rio, seu LLM em Direito em uma área procedimental, qual seja, *Litigation: Novos Desafios dos Contenciosos*. Atualmente, cursa seu doutorado em Direito Constitucional na Universidade de Buenos Aires, onde tive a oportunidade de conhecê-lo.

Entretanto, antes de sua formação como jurista, Plauto já havia se formado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, com especialização em Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana. Em seguida, obteve o título de Especialista em Linguística Aplicada na Universidade de Brasília e depois, na Britânica Universidade de Sussex, seu Mestrado em Literatura Inglesa. Somente então, depois desta vasta formação em Letras, Plauto encara sua formação como jurista.

Deixemos ao seu psicanalista, se é que Plauto jamais precisaria de um, as explicações para esse giro em sua formação dual, tão rica, intensa e interessante. Por agora não o recomendo, pois não parece estar passando por nenhuma crise vocacional ou improdutiva. Muito pelo contrário.

Os resultados de sua produção, até o momento, mostram-nos que nosso autor se encontra em uma evolução tão dinâmica como promissora, o que alimenta minha expectativa de que nos encontramos ainda na pré-história de sua produção acadêmica e intelectual, que já é excepcionalmente destacável. Entretanto, estou convencido de que nos espera ainda muito mais da produção de nosso autor que, em plena formação de doutorado, já dá sinais muito consistentes de maturidade e solidez intelectual que nos indicam que está longe de seu teto.

De forma clara, temos, no presente, que sua formação de alto nível em letras, combinada com a também de alto nível como jurista, coloca-nos diante de um intelectual de riqueza e sensibilidade pouco comum.

Além disso, não se pode deixar de notar que a sua versatilidade já reiteradamente mencionada, dá-se em duas dimensões interrelacionadas, mas independentes. A primeira, sua formação sem igual, tanto em letras como em ciências jurídicas. A segunda, a versatilidade como jurista com formação no âmbito político-constitucional e institucional, aliada aos desafios próprios do advogado litigante em contato com a realidade cotidiana dos tribunais, as tensões sociais e os dilemas da administração da justiça de cada dia.

Este conjunto nos traz hoje, como resultado, para ser prologada, uma obra que se lê com total prazer e leveza – profundidade e leveza, já nos disse Plauto –, mas que, ao mesmo tempo, interpela-nos de muitas maneiras a partir da forma fluida e natural de sua abordagem multifacetada, de perspectivas multidimensionais e de difícil construção para qualquer um e que, entretanto, nosso autor produz com total espontaneidade. Isso não é casual nem produto de repentina inspiração, mas fruto, mais uma vez, de sua rica formação bifacetada.

Na realidade, é como já nos lembraram várias e renomadas **personalidades**, desde Thomas A. Edison até nosso Gabriel García Márquez, passando por Umberto Eco entre outros, que se trata de um pouco de inspiração e muito de transpiração.

“None of my inventions came by accident. I see a worthwhile need to be met and I make trial after trial until it comes. What it boils down to is one per cent inspiration and ninety-nine per cent perspiration”.

(“Nenhuma de minhas invenções veio por acidente. Vi uma necessidade que valia a pena ser satisfeita e aí depois de tentativa após tentativa, veio. O resultado é um por cento inspiração e noventa e nove por cento de transpiração.”) Thomas A. Edison.

*Cartas à Gualeguaychú* são, como já dito, doze textos breves publicados no jornal *El Argentino* da província de Entre Ríos que mostram nosso autor em seus variados matizes.

“Muros e medos” e “Panem et circenses” condensam o jurista, o literato e o educador preocupado com a escandalosa violência e a

superlotação do sistema carcerário brasileiro, do qual só se pode esperar mais violência e abarrotamento se, como havia advertido Darcy Ribeiro, não se investe em educação.

“O Direito e amor, na vida, na morte e depois dela” nos deixa ver o advogado que enfrenta a dor e os desafios cotidianos de uma realidade complexa e inclassificável.

“Pensando com os dedos” nos mostra o agente preocupado com questões estratégicas que requerem políticas de Estado, densidade e construção de instituições de integração que protejam, entre outras coisas, nossos interesses regionais e nossos insumos vitais como nada menos que a questão da água.

“Os pequenos passos em direção ao inferno” me gera uma enorme inveja (sadia, espero...). Como se pode escrever tanto em tão pouco espaço? É desolador para mim; jamais pude fazê-lo...! Trata-se de um texto de somente duas páginas! Ainda assim, é de uma enorme riqueza e intensidade que tocam em aspectos jurídicos, sensibilidade social, história, legislação, opções culturais não convencionais e uma contundente crítica às mais variadas e inaceitáveis dimensões da discriminação. É poesia em prosa, um texto notável.

“Livros e rios como pessoas” nos traz outra vez o jurista e o literato interligados de uma maneira assombrosa e absoluta. E a preocupação ambiental com a água se faz outra vez presente.

E assim, sucessivamente, aparecem as preocupações telúricas do trato amigável já perdido em nossas calçadas; da preocupação constante do jurista por um coletivo social excluído várias vezes ao mesmo tempo, algo que parece fisicamente impossível, mas que a política, as instituições e os direitos superficialmente declamados conseguem fazer. O fantasma de Lombroso “remixado”, um milagre do direito contemporâneo.

Nosso autor, impiedoso, me obriga a enfrentar o meu próprio *Milton Hatoum* diante dos últimos parágrafos de seu belo “O outro sou eu”:

“...a angústia provocada pela autoimolação emocional necessária para que se possa virar as costas, por puro instinto de sobrevivência, a uma amante com a qual já não se pode mais viver, mas que ainda se ama...”

“...o contemporâneo e recorrente legocentrismo que divorcia o direito da realidade social, a práxis jurídica da social...”

“A insuportável leveza do ser” vai desde a dúvida existencial e filosófica sobre a finitude ou a vida eterna à ironia tragicômica e às visões desesperançadas sobre nossa vida política.

Um parágrafo especial merece ser dedicado à questão da integração regional com o Mercosul profundo e leve, pois, por detrás de cada grande desenho institucional, normativo e político, por detrás de cada esforço para a integração de povos, para semear o crescimento dos processos de aculturação que naturalmente fluem entre nós, por detrás dos grandes discursos, instituições e atos protocolares, a integração profunda é *feita por pessoas de carne e osso, com nome e sobrenome*, que investem cotidianamente seus esforços para a integração e para as trocas enriquecedoras e frutíferas, e que sabem entender que é no próprio exercício dessa dedicação que se encontram o retorno e os ganhos tangíveis e intangíveis do processo. São pequenas ações, uma somatória de pequenos passos que geram as grandes transformações, as grandes mudanças e realizações.

Nosso autor, Plauto Cavalcante Lemos Cardoso, brasiliense convertido em carioca e *porteño*; mineiro e entrerriano; brasileiro e argentino; literato e jurista, professor e aluno, entre outras coisas, é uma dessas pessoas.

Jorge O. Bercholc

Buenos Aires, Abril de 2018.





# Prólogo

Es un gran placer para mí prologar *Cartas a Gualeguaychú*, esta original y vibrante compilación de artículos del versátil profesor y amigo Plauto Cavalcante Lemos Cardoso. Su versatilidad no es casual, o mero producto de una anárquica inspiración. Se trata de una versatilidad propia y obtenida por su variada, rica e intensa formación académica. Tan intensa que, como corresponde a un académico de veras, nunca acaba y de hecho, en el caso de nuestro autor, continua en la actualidad con gran dedicación en su doctorado en la Universidad de Buenos Aires.

Esta interesantísima y variopinta colección de crónicas, que Plauto ha publicado en el periódico *El Argentino* de la provincia de Entre Ríos, es fruto de esa formación versátil, dúctil, flexible, que le permite a Plauto articular con naturalidad, complejos y densos temas político-institucionales, con tensiones sociales y culturales propias de nuestra región, y con pinturas costumbristas de nuestro realismo mágico sud-continental.

Plauto es un jurista con especial apego a los temas del Derecho Constitucional, pero dado que también trabaja como abogado, en ejercicio de la profesión en su estudio jurídico, posee ese doble carácter de académico que tiene internalizadas las exigencias propias de la vida científica, y la del *practitioner*, según resaltan los anglosajones, ese

carácter que le da el cotidiano contacto con la vida real, con los problemas y preocupaciones diarios de la gente común. No es solo un intelectual encerrado en su torre de cristal.

Más aún, su sólida formación como jurista ya presenta esa versatilidad que mencioné en los párrafos anteriores. Abogado graduado en la Universidad Cândido Mendes de Rio de Janeiro; obtuvo luego en la prestigiosa Fundação Getúlio Vargas de Rio de Janeiro el máster en derecho (LLM Litigation) en un área procedimental, *Novos Desafios dos Contenciosos*; hoy cursa su doctorado en la Universidad de Buenos Aires en Derecho Constitucional, allí tuve la oportunidad de conocerlo.

Pero antes de su formación como jurista, Plauto ya se había formado en Letras en la Universidad Federal de Minas Gerais, con especialidad en Lengua y Literatura inglesa y norteamericana. Luego, en su formación de posgrado, obtuvo el título de Especialización en Lingüística Aplicada en la Universidad de Brasilia, y en la británica Universidad de Sussex, su maestría en Literatura Inglesa. Recién allí, luego de esta vasta formación en letras, Plauto encara su formación como jurista.

Dejamos a su psicoanalista, si es que Plauto lo necesita alguna vez, las explicaciones para este giro en su formación dual, tan rica, intensa e interesante. Por ahora no se lo recomiendo, pues no parece estar pasando por ninguna crisis vocacional o improductiva. Todo lo contrario.

Los resultados de su producción, hasta ahora, nos muestran que nuestro autor se encuentra en una evolución tan dinámica como prometedora, la que me anima a tener la expectativa de que nos hallamos, aún, ante la prehistoria de su producción académica e intelectual, la que ya es excepcionalmente destacable, pero, estoy persuadido, que nos espera aún mucho más de la producción de nuestro autor quien, en plena formación de doctorado, ya da señales muy consistentes de madurez y solvencia intelectual las que indican que aún está lejos de su techo.

Lo concreto, al día de hoy, es que su formación de alto nivel en letras, combinada con su formación de alto nivel como jurista, nos enfrenta a un intelectual de riqueza y sensibilidad poco común.

Además, debe prestarse atención a que la ya reiterada mención a su versatilidad, se da en dos dimensiones interrelacionadas pero independientes. La primera, su formación de alto nivel en letras y como jurista. La segunda, la versatilidad como jurista con formación en el ámbito público-constitucional e institucional, y también consciente y conocedor de los desafíos propios del abogado litigante en contacto con la realidad cotidiana de los tribunales, las tensiones sociales y los dilemas de la administración de justicia de cada día.

Y todo ello nos da como resultado, y para prologar hoy, una obra que se lee con total placer y levedad – profundidad y levedad, Plauto *dixit* – pero que, al mismo tiempo, nos interpela de muchas maneras, a partir de la natural y fluida forma de abordaje multifacética, desde perspectivas multidimensionales, muy difícil de lograr para cualquiera, pero que nuestro autor produce con total espontaneidad, y ello no es casual ni producto de una repentina inspiración, es producto, una vez más, de su rica y bifronte formación.

Es que, como ya dijeron muchas personalidades destacadas, desde Thomas A. Edison hasta nuestro Gabriel García Márquez, pasando por Umberto Eco entre otros, se trata de un poco de inspiración y mucho de transpiración.

*None of my inventions came by accident. I see a worthwhile need to be met and I make trial after trial until it comes. What it boils down to is one per cent inspiration and ninety-nine per cent perspiration.*

*(Ninguno de mis inventos llegó por accidente. Veo una necesidad interesante que necesita satisfacerse, y hago una prueba detrás de otra hasta que sale. El resultado es uno por ciento de inspiración y noventa y nueve por ciento de transpiración).* Thomas A. Edison.

*Cartas a Gualeguaychú* son, dijimos, doce textos breves publicados en el periódico *El Argentino* de la provincia de Entre Ríos que nos muestran a nuestro autor en sus variados matices.

“Muros y miedos” y “Panem et circenses”, condensan al jurista, al literato y al educador, preocupado por el escándalo de la violencia y el

hacinamiento carcelario del Brasil, del que solo cabe esperar más violencia y hacinamiento si, tal cual advertía Darcy Ribeiro, no se invierte en educación.

“Derecho y amor, en la vida, en la muerte y en el después”, nos deja ver al abogado que se enfrenta al dolor y los desafíos cotidianos, de una realidad compleja e inclasificable.

“Pensando con los dedos”, nos muestra al publicista preocupado por cuestiones estratégicas que requieren políticas de Estado, y densidad y construcción de nuestras instituciones de integración que protejan, entre otros ítems, nuestros intereses regionales y nuestros insumos vitales, nada menos que la cuestión del agua.

“Los pequeños pasos hacia el infierno” me genera una enorme envidia (sana, espero...). ¿Cómo se escribe tanto en tan poco espacio? Es desolador para mí, ¡jamás pude hacerlo...! Se trata de un texto de ¡sólo 2 páginas!, pero de una enorme riqueza e intensidad, que roza aspectos jurídicos, sensibilidad social, historia, legislación, opciones culturales no convencionales y la crítica contundente a las más variadas e inaceptables dimensiones de la discriminación. Es poesía en prosa, un texto notable.

“Libros y ríos como personas”, nos trae otra vez al jurista y al literato relacionados de un asombroso modo indisoluble. Y la preocupación ambiental por el agua, otra vez está presente.

Y así, sucesivamente, aparecen las preocupaciones telúricas del trato amigable perdido en las veredas; la preocupación constante del jurista por un colectivo social excluido varias veces al mismo tiempo, algo que parece físicamente imposible, la política, las instituciones y los derechos solo declamados, pueden lograrlo. El fantasma de Lombroso “remixado”, un milagro del derecho contemporáneo.

Nuestro autor, impiadoso, me obliga a enfrentarme con mi propio Milton Hatoum, ante los últimos párrafos de su bello “El otro soy yo”.

“...la angustia provocada por la autoinmolación emocional necesaria para que se pueda darle la espalda, por puro instinto de sobrevivencia, a una amante con la cual ya no se puede vivir más, pero a la que todavía se ama...”

“... el contemporáneo y recurrente legocentrismo que divorcia el derecho de la realidad social, la praxis jurídica de la social...”

“La insoportable levedad del ser”, va desde la duda existencial y filosófica sobre la finitud o la vida eterna, a la ironía tragicómica y a las visiones desesperanzadas sobre nuestra vida política.

Un párrafo especial merece la mención a la integración regional, con el Mercosul profundo o leve, pues detrás de cada gran diseño institucional, normativo y político, detrás de cada esfuerzo por la integración de los pueblos, por sembrar el crecimiento de los procesos de aculturación que, naturalmente, fluyen entre nosotros, detrás de grandes discursos, instituciones y actos protocolares, la integración profunda, *la hacen personas de carne y hueso, con nombre y apellido*, que apuestan cotidianamente sus esfuerzos por la integración y por los intercambios enriquecedores y fructíferos, y que saben entender que, en su propio ejercicio, ya se encuentran los réditos, tangibles e intangibles del proceso. Son pequeñas acciones, una sumatoria de pequeños pasos que generan las grandes transformaciones, los grandes cambios y realizaciones.

Nuestro autor, “Plauto Cavalcante Lemos Cardoso”, brasiliense devenido carioca y porteño; minero y entrerriano; brasilero y argentino; literato y jurista, profesor y estudiante, entre otras muchas cosas, es uno de ellos.

Jorge O. Bercholc  
Buenos Aires, Abril de 2018.



# Apresentação

É incrível como certos passos que damos mudam nossa vida. Antes de abril de 2017, quando recebi o convite para dar aulas em Gualeguaychú, na Província de Entre Ríos, na Argentina, nunca havia ouvido falar dessa encantadora cidade. Quase não conseguia pronunciar seu nome e tive de recorrer a um amigo na internet para certificar-me de sua localização. E pensar que hoje ela tem um papel em minha vida tão relevante quanto o daquelas cidades nas quais vivi durante anos.

Fui a Gualeguaychú como professor do prestigioso programa de pós-graduação em Justiça Constitucional e Direitos Humanos da Universidade de Bolonha, na Argentina, e a convite de meu mentor e amigo, o professor Jorge Bercholc. Nunca poderia imaginar que essa viagem representaria um antes e um depois em minha vida. Lá reencontrei irmãos de alma e estabeleci um vínculo com a cidade que ninguém consegue explicar de maneira racional. É parte daquele essencial à vida, invisível aos olhos.

A coluna mensal, que agora se converte neste pequeno livro-homenagem à cidade e a nossos sonhos, nasceu enquanto deslizávamos pelos Rio do Grande Jaguar e o Rio dos Pássaros, o Gualeguaychú e o Uruguai. Nasceu assim, em águas internacionais, fruto de nosso solene atrevimento de ignorar as desconfianças que marcaram as histórias



conjuntas de nossas nações. Sonhamos com uma integração para além da letra do código do Mercosul. Sonhamos, como me disse Pampa, com nossos filhos brincando juntos, em uma infância conjunta e guiada pela poesia dos contos e a sabedoria de nossos anciãos. Decidimos viver a América do Sul verdadeiramente como uma única nação, como uma única pátria. E assim continua sendo para nós.

O que temos muito claro e que marca o rumo de nossas ações em grupo – agora reunidos no Instituto de Direito de Integração da Associação Argentina de Justiça Constitucional – é que poderíamos até chegar a ter códigos e leis iguais. Entretanto, se não tivermos uma formação jurídica mais sincronizada, nossa percepção do mundo continuará drasticamente distinta e interpretaremos o direito de forma díspar. Nunca nos entenderemos de forma plena. O direito, afinal de contas, é uma empresa coletiva.

Concebi as crônicas de forma autônoma, mas, à medida que avançava, comecei a fazer com que dialogassem de maneira natural. O que começou como notas jornalísticas isoladas acabou sendo uma aventura com traços semelhantes e uma unidade interna de estilo e temas, que, espero deem ao leitor a experiência de ler um todo inseparável. Não esperem, aviso de antemão, que a última coluna seja um fim. Este encontro não leva consigo uma despedida, como costuma dizer Nahuel. “As veias seguem abertas”.

Resisti bravamente à compulsão natural de reescrever este ou aquele parágrafo. O que agora se publica é exatamente o que saiu no jornal *El Argentino*. Como já dizia García Marques, por algum tipo de magia, se sabe a hora de parar de ler e publicar, da mesma maneira que a cozinheira sabe que a sopa já está pronta.

Comecei pedindo licença aos moradores de Entre Ríos e, em especial, de Gualaguaychú, para entrar mensalmente em seus lares, para debater, em suas praças, cafés e calçadas, assuntos diversos sobre justiça, educação, arte, sobre a vida do outro lado da margem do rio. Sabia que depois de plantada a primeira flor de nosso jardim, ficaria ainda mais claro para todos que nossos desafios são absolutamente os mesmos, os desafios de nossa condição humana.

Doze meses depois, vários acordos binacionais assinados, um instituto criado, o I Seminário Internacional de Direito de Integração com data marcada, as colunas agora fazem parte da Coleção Mineiriana, e as edições impressas são parte do Acervo das Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Fazer parte da Coleção Mineiriana é um sonho que virou realidade para um escritor não mineiro, mas que se inspira e usa a encantadora capital mineira como pano de fundo, inclusive protagonista de suas aventuras literárias.

Vivendo espiritualmente na Argentina, ansiava por trazê-la de forma mais sólida para a minha Belo Horizonte. A iniciativa da Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais de abrigar de maneira permanente em suas Coleções Especiais este matear mensal coroou os esforços de integração entre nossos povos. Gualeguaychú agora está solidamente a poucos passos de minha casa mineira.

Milhares de escolas públicas, em quase todos os 853 municípios do continente que é o estado de Minas Gerais, mediante a capilaridade da impressionante rede de bibliotecas gerenciadas pela Biblioteca Pública Estadual, agora fazem parte de nosso sonho coletivo de integração legislativa e cultural dos países do Mercosul e de nossa luta em defesa de nossa vida em comum, de nosso patrimônio cultural e ambiental.

“As palavras são como boleadoras; tem-se que saber usá-las ou se acaba machucado”, me disse meu sábio amigo e jornalista Nahuel Maciel. Me disse também que “o bom leite requer o ruminar”. Essas foram e são as bases de nosso respeitoso intercâmbio e dessa obra coletiva.

Tendo absoluta certeza e fé que nenhum preconceito sobrevive a um café ou mate com o outro, os convido a tomar assento na calçada comigo com *Cartas à Gualeguaychú* em mãos.

Plauto C. L. Cardoso  
Belo Horizonte, abril de 2018.



# Presentación

Es increíble como ciertos pasos que damos nos cambian la vida. Antes de abril del 2017, cuando recibí la invitación para dar clases en Gualeguaychú, en la provincia de Entre Ríos, nunca había oído hablar de esta encantadora ciudad. Casi no sabía pronunciar su nombre guaraní y tuve que recurrir a un amigo en internet para certificarme de su localización. Y pensar que hoy tiene un papel en mi vida tan relevante como aquellas ciudades en las que viví durante años.

Fui a Gualeguaychú como profesor del prestigioso programa de posgrado en Justicia Constitucional y Derechos Humanos de la Universidad de Bolonia en Argentina y por invitación de mi mentor, amigo y profesor Jorge Bercholc. No me imaginaba que el viaje representaría un antes y un después en mi vida. En ese lugar reencontré hermanos de alma y establecí un vínculo con la ciudad que nadie consiguió explicar de manera racional. Es parte de ese esencial a la vida, invisible a los ojos.

La columna mensual que ahora se convirtió en este pequeño libro-homenaje a la ciudad y a nuestros sueños, nació mientras nos deslizábamos por los Ríos del Yaguar Grande y de los Pájaros, el Gualeguaychú y el Uruguay. Fue así, en aguas internacionales, atreviéndonos solemnemente a ignorar las desconfianzas que han marcado nuestras historias conjuntas como naciones que la obra arrancó. Soñamos con una integración más allá

de la letra del código mercosureño. Soñamos, como me dice Pampa, con nuestros hijos jugando unos con los otros, en una niñez conjunta guiada por la poesía de los cuentos y la sabiduría de nuestros ancianos. Decidimos vivenciar Sudamérica verdaderamente como una única nación, como una única patria. Y para nosotros así lo sigue siendo.

Lo que tenemos muy en claro y lo que marca el rumbo de nuestras acciones como grupo – ahora reunido en el Instituto de Derecho de Integración de la Asociación Argentina de Justicia Constitucional – es que podríamos llegar a tener hasta códigos y leyes iguales. Sin embargo, si no tenemos una formación jurídica más sincronizada, nuestra percepción del mundo continuará drásticamente distinta e interpretaremos el derecho de forma dispar. Nunca nos entenderemos de forma plena. El derecho, al final, es una empresa colectiva.

Las crónicas las concebí originalmente como piezas autónomas, pero a medida que progresaba las hice dialogar de manera natural. Lo que empezó como notas periodísticas aisladas terminó siendo una aventura con trazos semejantes y una unidad interna de estilo y temas, que espero le dé al lector una experiencia de haber leído un todo inseparable. Sin embargo, no esperen que la última columna sea un cierre. Este encuentro no encierra una despedida, como suele decir Nahuel. Las venas siguen abiertas.

Resistí bravamente al impulso natural de reescribir ese o aquel párrafo, y lo que ahora se publica es exactamente lo que salió publicado en el diario *El Argentino*. Como ya decía García Marques, por algún tipo de magia, se sabe la hora de parar de leer y publicar, como sabe la cocinera que la sopa ya está lista.

Empecé pidiéndoles permiso a los vecinos de Entre Ríos, y especialmente de Gualeguaychú, para entrar mensualmente a sus hogares, debatir en sus plazas, cafés y veredas asuntos diversos sobre justicia, educación, arte, sobre la vida del otro lado de la orilla. Sabía que después de plantada la primera flor de nuestro jardín, nos quedaría aún más claro que nuestros desafíos son absolutamente los mismos, los desafíos de nuestra condición de humanidad.

Doce meses después, varios acuerdos binacionales firmados, instituto creado, el I Seminario Internacional de Derecho de Integración con fecha ya confirmada, las columnas ahora forman parte de la Colección Mineriana y las ediciones impresas son añadidas al Acervo de las Colecciones Especiales de la Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Formar parte de la Colección Mineriana es un sueño hecho realidad para un escritor que no es minero, pero que se inspira y usa la encantadora capital minera como telón de fondo, e incluso protagonista, de sus aventuras literarias.

Viviendo espiritualmente en Argentina, ansiaba traerla de forma más sólida a mi Belo Horizonte. La iniciativa de la Biblioteca Pública del Estado de Minas Gerais de abrigar de manera permanente en sus Colecciones Especiales este matear mensual coronó los esfuerzos de integración entre los pueblos. Gualaguaychú se quedó sólidamente a pocos pasos de mi casa minera.

Miles de escuelas públicas, en casi todos los 853 municipios del continente que es el estado de Minas Gerais, a través de la capilaridad de la impresionante red de bibliotecas que gerencia la Biblioteca Pública Estatal, ahora formarán parte de nuestro sueño colectivo de integración legislativa y cultural de los países del Mercosur y de nuestra lucha en defensa de la vida en común, de nuestro patrimonio cultural y ambiental.

“Las palabras son como boleadoras, uno tiene que saber usarlas o acaba por herirse”, me dijo mi sabio amigo y periodista Nahuel Maciel. Me dijo también que “la buena leche necesita rumia”. Estas fueron y son las bases de nuestro respetuoso intercambio y de esta obra colectiva.

Teniendo absoluta certeza y fe de que ningún prejuicio sobrevive a un café o mate con el otro, los invito a veredear juntos con *Cartas a Gualaguaychú* en las manos.

Plauto C. L. Cardoso  
Belo Horizonte, abril de 2018.



## Muros e medos

É sintomático que a obra humana que se pode observar da lua seja uma muralha. Uma muralha que não evitou conflitos ou invasões. É provável que mais chineses tenham morrido na sua construção do que como vítimas das invasões que realmente aconteceram. Quem ganha com os muros que construímos aos quais nenhuma importância dão nossas aves?

Tendo absoluta certeza e fé que nenhum preconceito sobrevive a um café com o outro, convido-os a matearmos juntos mensalmente com esta coluna.

Quando fui viver no lugar mais exótico do que eu, como um rapaz de 18 anos sul-americano podia conceber nos inícios dos anos 1990, em um kibutz no norte de Israel e a poucos quilômetros da fronteira com o Líbano, deixei para trás uma mãe angustiada, que cria que se despedia de seu filho que estava indo rumo ao fogo cruzado. Na realidade, eu deixava pra trás os 3% da população mundial que hoje é responsável por mais de 10% dos homicídios mundiais. Os assassinatos em meu Brasil natal superaram o número de mortes no Afeganistão, no Iraque e na Síria juntos em 2016. Com apenas 8% da população mundial, minha América Latina é responsável por 38% dos homicídios mundiais.

Em Israel, estava seguro. Cruzar o muro me mostrou que o “outro” era eu. Minhas primeiras namoradas israelitas não tinham sete cabeças.



Buscavam a mesma coisa que as garotas que haviam cruzado minha caminhada a milhares de quilômetros dali: ser feliz.

Os fantasmas que serviram na minha infância reproduziam esse velho engano de que estamos mais seguros em ambientes que reconhecemos. Os meus anjos da guarda tinham a ingenuidade de acreditar que eu estaria mais protegido apenas por não me aventurar para além da fronteira da minha língua, da minha cultura e do meu território. O medo foi, afinal, o mestre que mais me fez desaprender.

Poderiam ter sido essas exatas palavras as minhas se não fossem as do Moçambicano Mia Couto a descrever, na plenitude, o que também vivi.

Como combater isso? Quem carrega martelo, só vê prego. Quem carrega um giz no bolso, como este autor, vê salas de aula. O combate à evasão escolar e o investimento na primeira infância têm relação direta com o combate à violência urbana, afirma a pesquisadora brasileira Ilona Szabó, e eu assino embaixo. Sempre assinei. Há poucas semanas, comecei uma palestra na Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires com o alerta que o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro fez a governadores nos anos 1980, no Brasil, de que se não se construíssem escolas, em 20 anos nos faltaria dinheiro para construir presídios.

“Há neste mundo mais medo de coisas más do que coisas más propriamente ditas”, insiste Mia Couto. Voltei da minha experiência de seis meses em Buenos Aires, como aluno do programa de doutorado da faculdade de direito da UBA, verdadeiramente sul-americano. Nada, nenhum preconceito, insiste o coordenador do programa, o prof. Ricardo Rabinovich, sobrevive a um café com o outro. Ele, que usa o programa para unir alunos de mais de 40 países em prol da paz, criou, no seio da família da UBA, um sentimento que eu nunca havia experimentado em minhas andanças globais: eu que me orgulhava de sentir-me cidadão do mundo, pela primeira vez me sentia sul-americano. Fui brasileiro para Buenos Aires em outubro do ano passado. Voltei, em maio deste ano, orgulhosamente latino-americano.

Meu filho Joaquim, que nascerá em pouco tempo, passou, sem perceber, a maior parte de sua vida na Argentina. Costumo dizer aos meus irmãos celestes que vamos tê-lo no Brasil para evitar um problema por causa da Copa do Mundo. Nos amamos tanto que até a nossa rivalidade é inventada. Chegou a hora de deixar os pesados fardos herdados da Espanha e de Portugal e tecer juntos nossa própria cumplicidade. Essa rivalidade nunca foi nossa verdade. As guerras foram orquestradas por outros.

Querido Alberdi, já povoamos. Agora é educar. Conquistar é educar.



## Muros y miedos

Es sintomático que la obra humana que puede observarse desde la luna sea una muralla. Una muralla que no evitó conflictos o invasiones. Es probable que hayan muerto más chinos en su construcción que como víctimas de las invasiones que realmente hubo. ¿Quién gana con los muros erigidos a los que ningún caso hacen nuestras aves?

Teniendo absoluta certeza y fe de que ningún prejuicio sobrevive a un café con el otro, los invito a matear juntos mensualmente con esta columna.

Cuando fui a vivir a un lugar más exótico que yo, tal como un chico de 18 años sudamericano podía concebir a inicios de los años '90, en un kibutz al norte de Israel y a pocos kilómetros de la frontera con el Líbano, dejé atrás una madre angustiada, que creía que se despedía de su hijo que se estaba yendo rumbo al fuego cruzado. En verdad, dejaba atrás el 3% de la población mundial que hoy es responsable por más del 10% de los homicidios mundiales. Los asesinatos en mi Brasil natal superaron el número de muertes en Afganistán, Irak y Siria juntos en 2016. Con apenas 8% de la población mundial, mi América Latina es responsable por 38% de los homicidios mundiales.

En Israel estaba seguro. Cruzar el muro me mostró que el “otro” era yo. Mis primeras novias israelitas no tenían siete cabezas. Buscaban

lo mismo que las chicas que se habían cruzado en mi camino a miles de kilómetros de allí: ser feliz.

“Los fantasmas que sirvieron en mi infancia reproducían el viejo error de que estamos más seguros en ambientes que reconocemos. Mis ángeles de la guarda tenían la ingenuidad de creer que estaría más protegido sólo por no aventurarme más allá de las fronteras de mi lengua, de mi cultura y de mi territorio. El miedo fue, al final, el maestro que más me hizo desaprender.”

Podrían haber sido esas exactas palabras las mías si no fuesen las del Mozambiqueño Mia Couto describiendo en plenitud lo que también viví.

¿Cómo combatir esto? Quien anda con martillo sólo ve clavos. Quien anda con una tiza en el bolsillo como este autor, ve salas de clases. El combate a la evasión escolar y la inversión en la primera infancia tiene una relación directa con el combate a la violencia urbana, afirma la investigadora brasileña Iлона Szabó, y yo le pongo la firma. Siempre lo hice. Hace pocas semanas empecé dando una charla en la Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires con las palabras con las que el antropólogo brasileño Darcy Ribeiro les llamó la atención a los gobernadores en los años '80 en Brasil, de que si no se construyesen escuelas, en 20 años faltaría dinero para construir presidios.

“Hay en este mundo más miedo de cosas malas, que cosas malas propiamente dichas”, insiste Mia Couto. Volví de mi experiencia de seis meses en Buenos Aires como alumno del programa de doctorado de la facultad de derecho de la UBA, verdaderamente sudamericano. Nada, ningún prejuicio, insiste el coordinador del programa, el Prof. Ricardo Rabinovich, sobrevive a un café con el otro. Él, que usa el programa para unir alumnos de más de cuarenta países en pro de la paz, creó en el seno de la familia de la UBA, un sentimiento que nunca había vivenciado en mis andanzas globales: yo que me enorgullecía de sentirme ciudadano del mundo, por primera vez me sentía sudamericano. Fui brasileño para Buenos Aires en octubre del año pasado. Volví en mayo de este año orgullosamente latinoamericano.

Mi hijo Joaquim, que nacerá en muy poco tiempo, ha pasado sin darse cuenta la mayor parte de su vida en tierras argentinas. Suelo decirles a mis hermanos celeste y blanco, que a él lo vamos a tener en Brasil para evitar un problema por la Copa del Mundo. Nos queremos tanto que hasta nuestra rivalidad es inventada. Ha llegado la hora de que dejemos las cargas pesadas heredadas de España y Portugal y tejamos juntos nuestra propia complicidad. Esta rivalidad nunca fue nuestra de verdad. Las guerras las orquestaron otros.

Querido Alberdi, ya poblamos. Ahora es educar. Conquistar es educar.



## Panem et circenses

*Quem, de três milênios,  
Não é capaz de se dar conta  
Vive na ignorância, na sombra  
À mercê dos dias, do tempo.*  
Goethe

Norte do Estado de Minas Gerais ilhado como consequência de fortes enchentes. Governador encomenda ao diretor da Imprensa Oficial que crie uma seção de literatura no jornal oficial do governo, o único que chega aos moradores ilhados. Não parece crível, hoje em dia, que um chefe do executivo brasileiro pense que não só de pão vive o homem, mesmo – ou especialmente – em épocas de suplício. E olha que não estamos tão distantes assim da segunda metade dos anos 1960 quando isso, de fato, aconteceu, e a iniciativa não submergiu com as águas e acabou por criar o influente *Suplemento Literário* que embalou uma geração de impressionantes intelectuais mineiros, entre eles, Murilo Rubião. Mas esses eram tempos em que se governava para além da próxima eleição.

A descoberta do diário do século XIX da professora norte-americana Mary Olive Morse, na cidade de Mendoza na semana passada, nos remete



aos tempos dourados da educação argentina, que colocou o país bem à frente de seus vizinhos por décadas a fio. Época de uma geração de políticos que governava sem se preocupar em refundar a nação a cada nova gestão presidencial.

A professora Morse, que por mais de duas décadas foi diretora da Escola Normal de Maestras Tomas Godoy Cruz de Mendoza, atesta, em seu livro, com impressionante riqueza de detalhes, a disciplina envolvida no projeto de educar professoras locais para alfabetizar crianças da região.

O projeto de Sarmiento, que, junto com a chamada Geração de 1837, cria apaixonadamente em um projeto de longo prazo para educar e construir a jovem nação argentina, fundou 800 escolas primárias, e o número de alunos subiu de 30.000 para 110.000 em apenas seis anos.

Não à toa, Buenos Aires ainda hoje sozinha tem mais livrarias do que em todo meu Brasil.

Deste lado do rio, acontece nesta semana na histórica, mas não mais tão bucólica Paraty, Rio de Janeiro, a FLIP – Feira Literária Internacional de Paraty. O que chamou a atenção deste apaixonado por livros infelizmente não foi só a programação da famosa Feira Literária, mas dois fatos de correlação clara, que nossas autoridades insistem em ignorar: o primeiro, o inacreditável fechamento, por falta de recursos, da biblioteca mantida na periferia de Paraty pela entidade que organiza, na cidade, a feira literária mais importante do país. O segundo – que Paraty tem a maior taxa de morte por arma de fogo no estado do Rio de Janeiro. E isso não é pouco.

Que uma professora tenha relatado ver um menino cabisbaixo sentado nos degraus da agora antiga biblioteca e que outros brincassem por perto com armas de fogo de brinquedo é um triste sinal de tempos doentes.

Tomo o exemplo da biblioteca de Paraty como simbólico e representativo de rincões do resto do país que jamais emplacariam uma nota de rodapé que fosse em um jornal pelo fechamento de uma biblioteca local. Quando elas existem. Ainda assim, o novo Ministro da Cultura brasileiro

mal chegou ao cargo e já anunciou 13.000 milhões em investimento público no carnaval Carioca.

Ministro, e as bibliotecas?

Antes de qualquer ataque mais apressado dos defensores da maior festa de carnaval do mundo – ou dos irmãos de Gualeguaychú, responsáveis pelo seu mais brilhante equivalente argentino – lembro que fui por anos produtor cultural. Sei agudamente que cultura, em todas as suas formas, precisa de apoio e não é e nunca será autossuficiente. Mesmo o carnaval carioca e sua capacidade de atrair investimentos privados. Sim, o carnaval é importante e obviamente merece apoio. Mas em um país em crise, priorizar é a palavra do dia. Que se feche uma biblioteca na cidade que abriga a maior feira literária do país, em uma linda cidade agora palco de taxas de violência que superam a de países em guerra, é viver na escuridão.

Mas, claro, a decadência do carnaval tiraria mais votos ou apoio de qualquer governo na próxima eleição.



# Panem et circenses

*Quien, de tres milenios,  
No es capaz de darse cuenta,  
Vive en la ignorancia, en la sombra,  
A merced de los días, del tiempo.*  
Goethe

Norte del Estado de Minas Gerais aislado como consecuencia de fuertes inundaciones. El gobernador le encarga al director de la *Imprensa Oficial* que cree una sección de literatura en el diario oficial del gobierno, el único que llega a los pobladores aislados. No parece ser creíble hoy en día que un jefe del ejecutivo brasileño piense que no sólo de pan vive el hombre, incluso – o especialmente – en épocas de suplicio. Y eso que no estamos tan lejos de la segunda mitad de los años ‘60 cuando de hecho eso pasó y la iniciativa no se sumergió en las aguas y terminó creando el influyente *Suplemento Literário*, que acunó una generación de impresionantes intelectuales mineros, entre ellos, Murilo Rubião. Pero aquellos eran tiempos en que se gobernaba para más allá de las próximas elecciones.

El descubrimiento del diario del siglo XIX de la profesora norteamericana Mary Olive Morse en la ciudad de Mendoza la semana

pasada, nos remite a tiempos dorados de la educación argentina que colocó al país a la cabeza de sus vecinos durante décadas al hilo. Época de una generación de políticos que gobernaba sin preocuparse en refundar la nación en cada nueva gestión presidencial.

La profesora Morse, que por más de dos décadas fue directora de la Escuela Normal de Maestras Tomas Godoy Cruz de Mendoza, demuestra en su libro, con una impresionante riqueza de detalles, la disciplina envuelta en el proyecto de educar profesoras locales para alfabetizar a niños de la región.

El proyecto de Sarmiento, que junto a la llamada Generación del '37 creía apasionadamente en un proyecto a largo plazo para educar y construir la joven nación argentina, fundó 800 escuelas primarias y el número de alumnos pasó de 30.000 a 110.000 en apenas seis años.

No es por nada que sólo Buenos Aires tiene aún hoy más librerías que todo mi Brasil.

De este lado del río, tenemos esta semana en la histórica, pero ya no tan bucólica Paraty, Rio de Janeiro, la FLIP – Feria Literaria Internacional de Paraty –. Lo que le llamó la atención a este apasionado por libros infelizmente no fue sólo la programación de la famosa Feria Literaria, sino dos hechos de correlación clara y que nuestras autoridades insisten en ignorar: el primero, el inconcebible cierre por falta de recursos de la biblioteca sostenida en la periferia de Paraty, por la entidad que organiza en la ciudad la feria literaria más importante del país. El segundo, que Paraty tiene la mayor tasa de muertes por armas de fuego en el estado de Rio de Janeiro. Esto no es poca cosa.

Que una profesora haya relatado ver un niño cabizbajo sentado en los escalones de la ahora antigua biblioteca y que otros jugasen cerca con armas de fuego de juguete es una triste señal de tiempos enfermizos.

Tomo el ejemplo de la biblioteca de Paraty como simbólico y representativo de rincones del resto del país que jamás aparecerían ni en una nota al pie de un periódico por el cierre de una biblioteca local. Si

es que las hay. Así y todo, el nuevo ministro de Cultura brasileño, que recién llegó al cargo, ya anunció 13.000 millones de inversión pública en el carnaval carioca.

Ministro, ¿y las bibliotecas?

Antes de cualquier ataque precipitado de los defensores de la mayor fiesta de carnaval en el mundo – o de los hermanos de Gualeguaychú, responsables por su equivalente argentino más brillante – aclaro que fui por años productor cultural. Sé profundamente que la cultura, en todas sus formas, necesita apoyo y no es y nunca será autosuficiente. Incluso el carnaval carioca con su capacidad de atraer inversiones privadas. Sí, el carnaval es importante y obviamente merece apoyo. Pero en un país en crisis, priorizar es la palabra del día. Que se cierre una biblioteca en la ciudad que abriga la mayor feria literaria del país, en una linda ciudad ahora escenario de tasas de violencia que superan las de países en guerra, es vivir en la oscuridad.

Pero, claro, la decadencia del carnaval le sacaría más votos o apoyo a cualquier gobierno en las próximas elecciones.



## **O Direito e o amor, na vida, na morte e depois dela**

“Não há ano novo com velhos hábitos”, já disse Luis de Camões. O nascimento de um filho nos faz repensar como levamos a vida e nos mostra como é possível organizar um ano novo a cada novo dia de nossas vidas. O ano chinês, o judaico e o católico começam em meses distintos e sequer estão remotamente sincronizados temporalmente. Por que não podemos nós mesmos começarmos nosso próprio ano novo a cada dia que quisermos? O ano novo começa com um hábito novo.

Assumi, com orgulho, na primeira semana de agosto, a cátedra de Biodireito na Faculdade Pitágoras na charmosa capital mineira. Digo isso não por uma questão de promoção pessoal, mas pelo incrível prazer de ensinar uma disciplina que tem como fundamento básico o compromisso com o homem e com a sua própria humanidade. O direito é um poderosíssimo instrumento do amor ou do ódio, da paz ou da guerra e deve ser usado com extrema responsabilidade. Ensinar a futuros homens e mulheres do direito como usá-lo para o amor e para a paz, com um compromisso inegociável com a dignidade inerente a todos nós, é um privilégio que levo muito a sério.



Este ano concluímos, em meu escritório, a causa mais bela de minha vida. Como homens do direito, estamos infelizmente acostumados à discórdia, desencontros, ao fim do amor. Quando é que se bate à nossa porta para nos dizer que estão apaixonados pela vida, pelo seu vizinho e simplesmente inspirados pelo amor? Parece que seria como ligar para o seu chefe e dizer que não vai trabalhar naquele dia porque está se sentindo bem demais e gostaria de aproveitar o dia no parque. Deveríamos poder também *call in well*.

Que bata à nossa porta uma causa fundada na continuidade do amor após a vida quando pouco se vê desse sentimento, mesmo em vida, nos corredores clínicos das cortes e na práxis jurídica, é algo que te faz refletir como o nascimento de um filho. De alguma maneira, o sorriso nos meus lábios, quando penso nessa causa, ignora os olhos mareados, resultado do sopro quente de alegria que me bate no rosto quando rememoro os passos e detalhes deste incrível caso. Exumei e cremei os restos mortais de uma mãe de 60 anos depois do seu falecimento para que sua filha, então uma criança, pudesse levá-la mais de meio século depois de volta à sua pátria adotada e depositar suas cinzas lado a lado das do seu pai. Uma vida ceifada tristemente cedo, uma tragédia familiar sem cura transformada em poesia pura: “quero uni-los na morte já que não puderam ficar juntos tanto tempo em vida. Minha única motivação é o amor de uma filha pela mãe”, me disse no início dessa aventura que mudaria minha relação com a própria cidade brasileira palco do agora poema de amor, na minha busca pela geografia e cenário do duro óbito.

A essa filha que fez a mãe renascer e ao meu filho que fez um pai nascer, meu eterno obrigado.

Que se use o direito ao amor com mais frequência!

# **Derecho y amor, en la vida, en la muerte y en el después**

“No existe año nuevo con viejos hábitos”, como dijo Luís de Camões. El nacimiento de un hijo nos hace repensar cómo llevamos la vida y nos muestra cómo es posible organizar un nuevo año en cada nuevo día de nuestras vidas. El año chino, el judío y el católico empiezan en meses distintos y ni siquiera están remotamente sincronizados temporalmente. ¿Por qué no podemos nosotros mismos empezar un año nuevo cada vez que queramos? El año nuevo comienza con un hábito nuevo.

Asumí con orgullo en la primera semana de agosto la cátedra de Bioderecho en la Facultad Pitágoras, en la encantadora capital minera. Digo esto no por una cuestión de autopromoción, sino por el increíble placer de enseñar una disciplina que tiene como fundamento básico el compromiso del hombre con su propia humanidad. El derecho es un poderosísimo instrumento de amor o de odio, de paz o de guerra, y debe ser usado con extrema responsabilidad. Enseñarles a futuros hombres y mujeres del derecho cómo usarlo para el amor y para la paz, con un compromiso innegociable con la dignidad inherente a todos nosotros, es un privilegio que me tomo muy en serio.

Este año concluimos en mi estudio la causa más bonita de mi vida. Como hombres del derecho, estamos lamentablemente acostumbrados a la discordia, los desencuentros, al fin del amor. ¿Cuándo nos golpean la puerta y nos dicen que están enamorados de la vida, o del vecino y simplemente inspirados por el amor? Parece que sería como llamar al jefe y decirle que no iremos a trabajar hoy porque estamos sintiéndonos muy bien y nos gustaría aprovechar el día en el parque. Deberíamos poder también *call in well*.

Que golpee nuestra puerta una causa fundada en la continuidad del amor después de la vida, cuando vemos poco y nada de ese sentimiento, incluso en vida, en los corredores clínicos de las cortes y en la praxis jurídica, es algo que hace reflexionar tanto como el nacimiento de un hijo. De alguna manera, la sonrisa en mis labios cuando pienso en esa causa, que ignora mis ojos humedecidos, es resultado de la brisa cálida de alegría que me golpea al rememorar cada paso y detalle de ese increíble caso. Exhumamos y cremamos los restos mortales de una madre sesenta años después de su fallecimiento para que su hija, una niña en esa época, pudiese llevarla, más de medio siglo después, de vuelta a su patria adoptada y depositar sus cenizas lado a lado de las de su padre. Una vida arrancada tristemente joven, una tragedia familiar sin cura transformada en poesía pura: “quiero unirlos en la muerte ya que no pudieron estar juntos tanto tiempo en vida. Mi única motivación es el amor de una hija por una madre”, me dijo al inicio de esta aventura que cambiaría mi relación con la propia ciudad brasileña que es escenario del ahora poema de amor, en mi búsqueda por la geografía y paisaje del duro óbito.

A esa hija que hizo renacer a la madre y a mi hijo que hizo nacer un padre, mi eterno agradecimiento.

¡Que se use el derecho por el amor más seguido!

## Pensando com os dedos

*Depois de sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas,  
o Brasil vai sediar a Idade Média.*

Chargista Lafa

E vejam, irmãos entrerrianos, que os temas debatidos na mídia brasileira, no momento, são a sugestão de intervenção militar e a cura gay, pérolas de general incontinente, parte de um perigoso flerte com o desmanche de nosso estado constitucional democrático e de uma justiça enferma que permite liminarmente tratar a homoafetividade como doença, respectivamente. E já tem funcionário ligando para o chefe: “hoje não vou trabalhar porque estou gay”. Tudo isso em contexto de um moralismo anacrônico no qual parece estar na moda a impensável apreensão de uma obra de arte contemporânea e a censura a uma obra teatral.

Intervenção militar? *Really?* Façamos como me sugeriu dia desses um amigo argentino: vamos unir o Brasil, a Argentina e o Uruguai: aí teríamos Neymar, Messi e Suárez. Sugeri que incluíssemos o irmão Paraguai. Me perguntou quem eu chamaria como representante guarani? Chilavert?

E por falar em nossa integração, tema que motivou o nascimento desse meu convite para matearmos juntos mensalmente nas calçadas

de Gualeguaychú, poder-se-ia argumentar que é nulo o Código Civil Brasileiro de 2002. Ou o seu par argentino de 2015. Assim nos disse, em tom de brincadeira, o desembargador federal brasileiro Carlos Rebelo, com quem tive o imenso prazer de dividir uma sala de aula no programa de Especialização em Justiça Constitucional da Universidade de Bolonha na Argentina, na linda Gualeguaychú. O fundamento para tal afirmação jocosa? Nós nos comprometemos, dentro do marco legislativo do Mercosul, que iríamos pelo menos tentar integrar nossas legislações. Descumprimos solenemente nossa promessa. Assim fizeram nossos irmãos argentinos. Ninguém nem remotamente parece ter tido a menor curiosidade em saber se nossas vidas presente e futura ganhariam com um pouco mais de sincronia legislativa.

Mais além da natureza jurídica de nosso pacto de integração, é natural que primeiramente se foque nos negócios, depois em legislações com caráter um pouco mais político, nem sempre comercial. Assim foi o caminho da União Europeia. Assim poderia ser o nosso caminho.

A questão é que podemos e devemos trilhar outras sendas. Quer um bom motivo? Nossa água. Se alguém duvida que a água e não o petróleo será fonte de tensões beligerantes em um futuro próximo, pergunte às empresas de refrigerantes que compram fontes de água limpa mundo afora. Podemos e devemos legislar sobre nossa vida em comum ainda neste estágio inicial de nossa integração negocial. Seria sábio.

Guarani, segundo Silveira Bueno, significa guerrear, combater. Que nome demos à maior reserva subterrânea de água doce da América do Sul – e uma das maiores do mundo – e que dividimos com nossos irmãos argentinos, uruguaios e paraguaios! O que estamos esperando para que legislemos de maneira comum sobre o assunto?

Em 2010, o número de incidentes relacionados à água no Brasil chegou a 87, afetando diretamente 197.210 pessoas, segundo o relatório *Conflitos no Campo Brasil*. Desses, 47 conflitos (54%) tiveram relação com o uso e preservação da água, 31 (26,5%) tinham a ver com o uso de

barragens e açudes e nove (10,3%) com a apropriação particular. Em 2016, o número de conflitos praticamente dobrou, chegando a 172 país afora, pelas mesmas motivações.

Com a ratificação pelo Senado brasileiro em 02 de maio deste ano, entra finalmente em vigor o Acordo sobre o Sistema Aquífero Guarani (SAG). Pensado desde 2004, foi assinado em 02 de agosto de 2010 em San Juan, Argentina, como único tratado multilateral que se propõe a regular, especificamente, águas subterrâneas transfronteiriças.

Dia desses, enquanto acompanhava meu pai em um exame em uma clínica, depois de observar por algum tempo jovens adolescentes abduzidos pelas telas de seus celulares, ele me disse do movimento frenético dos jovens polegares: “hoje se pensa com os dedos”. É chegada a hora de voltarmos a pensar com a cabeça.

Diferentemente do que fizemos com nossos códigos civis, não podemos nos dar ao luxo de tratar essa fonte de vida comum de maneira isolada. Não há fronteiras para essa água. Precisamos ir além dos encontros técnicos de estudo sobre o assunto e de debates sobre a salinidade dessa água aqui ou ali. Precisamos de legislação e gestão efetiva conjunta supranacional para essa dádiva que compartilhamos.

A melhor amiga do homem é a árvore. E a da árvore, a água. Os entrerrianos sabem disso.



## Pensando con los dedos

*Después de ser la sede de la Copa del Mundo y las Olimpiadas,  
Brasil va a ser la sede de la Edad Media.*

Chargista Lafá

Y fíjense, hermanos entrerrianos, que los temas debatidos en los medios brasileños en este momento son la sugerencia de una intervención militar y la cura gay, “perlitas” de un general incontinente, parte de un peligroso flirteo con el derrumbe de nuestro estado constitucional democrático, y de una justicia enferma que permite, a través de una medida cautelar, tratar la homosexualidad como enfermedad. Ya hay empleados llamando a sus jefes: “hoy no voy a trabajar porque estoy gay”. Todo esto en un contexto de un moralismo anacrónico en el cual parece estar de moda la impensable incautación de arte contemporáneo y la censura de una obra teatral.

¿Intervención militar? *Really?* Hagamos como me sugirió un amigo argentino un día de estos: vamos a unir Brasil, Argentina y Uruguay: así tendríamos a Neymar, Messi y Suárez. Sugerí que incluyésemos al hermano Paraguay. Me preguntó a quien invitaría como representante Guaraní. ¿Chilavert?



Y hablando de nuestra integración, tema que motivó el nacimiento de mi invitación para matear juntos mensualmente en las veredas de Gualeguaychú, podría argumentarse que es nulo el Código Civil Brasileño de 2002. O su par argentino de 2015. Eso nos dijo en broma el juez federal brasileño Carlos Rebelo, con quien tuve el enorme placer de compartir una clase en el programa de Especialización en Justicia Constitucional de la Universidad de Bolonia en Argentina, en la bella Gualeguaychú. ¿El fundamento para tal afirmación jocosa? Nos comprometimos dentro del marco legislativo del Mercosur a por lo menos intentar integrar nuestras legislaciones. Incumplimos solemnemente nuestra promesa. Así también lo hicieron nuestros hermanos argentinos. Nadie parece haber tenido ni remotamente la menor curiosidad en saber si nuestras vidas presentes y futuras ganarían algo con un poco más de sincronía legislativa.

Más allá de la naturaleza jurídica de nuestro pacto de integración, es natural que en primer lugar se enfoque en los negocios, y después en legislaciones con carácter un poco más político y no siempre comercial. Así fue el camino de la Unión Europea. Así podría ser nuestro camino.

La cuestión es que podemos y debemos trillar otras sendas. ¿Quiere un buen motivo? Nuestra agua. Si alguien duda que el agua, y no el petróleo, será la causa de tensiones beligerantes en un futuro cercano, que le pregunte a las empresas de gaseosas que compran fuentes de agua limpia por todo el mundo. Podemos y debemos legislar sobre nuestra vida en común incluso en esta fase inicial de nuestra integración comercial. Sería sabio.

Guaraní, según Silveira Bueno, significa guerrear, combatir. ¡Qué nombre le pusimos a la mayor reserva subterránea de agua dulce de América del sur – y una de las mayores del mundo – que compartimos con nuestros hermanos argentinos, uruguayos y paraguayos! ¿Qué estamos esperando para legislar de manera común sobre el asunto?

En 2010, el número de incidentes relacionados al agua en Brasil llegó a 87, afectando directamente a 197.210 personas, según el informe *Conflictos no Campo Brasil*. De estos, 47 conflictos (54%) tuvieron relación

al uso y preservación del agua, 31 (26,5%) tenían que ver con el uso de diques y represas y 9 (10,3%) a la apropiación privada. En 2016, el número de conflictos prácticamente se duplicó, llegando a 172 en todo el país y con las mismas motivaciones.

Con la ratificación del Senado brasileño el 2 de mayo de este año, entra finalmente en vigor el Acuerdo sobre el Sistema Acuífero Guaraní (SAG). Pensado desde 2004, fue firmado el 2 de agosto de 2010 en San Juan, Argentina, como único tratado multilateral que se propone regular, específicamente, aguas subterráneas transfronterizas.

Un día de estos, mientras acompañaba a mi papá a un examen en una clínica, después de observar durante algún tiempo a los jóvenes adolescentes abducidos por las pantallas de sus celulares, me dijo en relación al movimiento frenético de los jóvenes pulgares: “hoy se piensa con los dedos.” Llegó la hora de que volvamos a pensar con la cabeza.

A diferencia de lo que hicimos con nuestros códigos civiles, no podemos darnos el lujo de tratar esa fuente de vida común de manera aislada. No hay fronteras para esa agua. Necesitamos ir más allá de los encuentros técnicos de estudio sobre el asunto y de debates sobre la salinidad del agua acá o allá. Necesitamos legislación y gestión efectiva conjunta supranacional para esta dádiva que compartimos.

El mejor amigo del hombre es el árbol. Y el del árbol, el agua. Los entrerrianos lo saben bien.



# Os pequenos passos em direção ao inferno

*Suponho que, na Europa, um autor pode tratar, sem remorso, só das questões do espírito – como, aliás, fez a poesia inglesa do século 18 –. Na América Latina, o poeta é obrigado a lidar com os problemas da selva e da cidade, do sofrimento e da injustiça, a miséria e a violência, em detrimento dos grandes temas metafísicos.*

Marcus Accioly

“Tive a sorte de ser uma garota hétero mesmo que por um breve período de tempo, depois uma garota lésbica por alguns anos e agora ser um menino hétero”. Assim nos disse Bernardo, a quem tive o prazer de conhecer em um painel multidisciplinar esta semana na Cidade Acadêmica da Faculdade Pitágoras em Belo Horizonte, junto com membros da Comissão de Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais, e para o qual fui convidado para debater as consequências jurídicas da equivocada liminar concedida no caso que a mídia brasileira convencionou chamar de “a cura gay” e que mencionei na última vez em que mateamos juntos aqui.

Confidenciei a Bernardo, ainda no palco, que depois de seu relato passei a achar minha vida quase entediante. Para um escritor, essas mudanças de perspectivas só acontecem no árduo processo de criação de personagens. Difícil encontrar tamanha diversidade de vivências em um mesmo personagem, quem diria em uma mesma pessoa com menos de 30 anos!

Muito além do relato de suas angústias e dores sofridas, Bernardo não se deixa encaixar na perspectiva da vitimização. É claramente protagonista de seus passos. E o faz de maneira impressionantemente doce.

Hoje *chef* de cozinha, só contrata ajudantes e cozinheiros trans. A premissa aqui é clara: o trabalho nos insere, nos dignifica, nos sustenta e nos dá uma identidade. A resposta que damos em nossas línguas à pergunta sobre o que fazemos não deixa dúvida: *sou* professor, *soy* escritor, *je suis* advogado, *I am...* o trabalho nos dá uma identidade social vital.

Meu Brasil natal foi o último país no mundo a formalmente pôr fim à escravidão. Digo formalmente porque tenho minhas dúvidas se realmente somos merecedores, como nação, da afirmação de que erradicamos o trabalho indigno forçado e infligido a qualquer tom de pele.

No dia 11 de outubro, último dia de liberdade dos povos originários americanos, renovei meu compromisso profundo com o pleno exercício da cidadania. Assinei meu termo de posse na casa jurídica mais antiga das Américas, o Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), com uma réplica da pena usada pela Princesa Isabel para assinar, em 1888, a lei que colocaria fim à escravidão no Brasil, a Lei Áurea.

A escolha da famosa pluma não foi um ato fortuito ou de mera estética pela beleza do objeto. Além do fato de que estava na casa que aconselhou juridicamente o pai da tal princesa, o Imperador Dom Pedro II, há uma ação política em minha escolha, uma lembrança de que devemos continuar tentando eliminar as nefastas consequências colhidas por anos de escravidão e que perduram em forma de segregação e violenta exclusão de significativa parte da população.

Meu simbólico ato de protesto contra retrocessos na luta contra o trabalho escravo, infantil e adulto, de irmãos sul-americanos e concidadãos de qualquer cor de pele, tornou-se ainda mais relevante, em apenas 5 dias, com a desfaçatez da Portaria 1129 do Ministério do Trabalho de 16 de outubro.

O texto consegue excluir cerca de 90% dos atuais processos e casos investigados pelo Ministério Público do Trabalho no Brasil. É de uma técnica legislativa tão peculiar que, em uma única tentativa e sem disfarce, afronta a Constituição Federal, o Código Penal Brasileiro e a Convenção 81 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), associando, ainda, trabalho escravo apenas à liberdade e não mais à dignidade. Voltamos espantosamente a 1888.

“O Brasil, a partir de hoje, deixa de ser a referência no combate à escravidão que estava sendo na comunidade internacional”, disse Antônio Rosa, coordenador do Programa de Combate ao Trabalho Escravo da OIT no país.

Essas não são lutas somente da comunidade LGBT ou de trabalhadores menos afortunados. São lutas de todos nós, como já bem pontuou o dramaturgo e poeta alemão Bertold Brecht em *Intermezzo*.

Que não venham e nos levem porque não fizemos nada. O silêncio dos bons, que aterrorizava Martin Luther King, me assombra dia e noite.

Devemos, de maneira definitiva, assinar a Lei Áurea.



# Los pequeños pasos hacia el infierno

*Supongo que, en Europa, un autor pueda tratar, sin remordimiento,  
solo de las cuestiones del espíritu – como, de hecho,  
lo hizo la poesía inglesa del siglo 18 –  
En América Latina, el poeta está obligado a lidiar con los  
problemas de la selva y de la ciudad, del sufrimiento y de la  
injusticia, la miseria y la violencia, en detrimento de los  
grandes temas metafísicos.*

Marcus Accioly

“Tuve la suerte de ser una chica heterosexual aunque por un breve periodo de tiempo, después una chica lesbiana por algunos años y ahora ser un chico heterosexual”. Así nos lo dijo Bernardo, a quien tuve el placer de conocer en un panel multidisciplinar esta semana en la Ciudad Académica de la Facultad Pitágoras en Belo Horizonte, junto a miembros de la Comisión de Psicología, Género y Diversidad Sexual del Consejo Regional de Psicología de Minas Gerais, al cual fui invitado para debatir las consecuencias jurídicas de la equivocada medida cautelar concedida en



el caso que los medios brasileños concordaron en llamar “cura gay”, y que mencioné la última vez que mateamos juntos aquí.

Le confidencí a Bernardo, aún en el escenario, que después de su relato mi vida empezó a parecerme casi tediosa. Para un escritor, esos cambios de perspectivas solo ocurren en el arduo proceso de creación de personajes. Es difícil encontrar semejante diversidad de vivencias en un mismo personaje, qué decir en una misma persona con menos de 30 años.

Más allá del relato de sus angustias y penas sufridas, Bernardo no se deja encajar en la perspectiva de victimización. Es claramente protagonista de sus pasos. Y lo hace de una manera increíblemente dulce.

Hoy en día chef de cocina, sólo contrata ayudantes y cocineros transgénero. La premisa es clara: el trabajo nos inserta, nos dignifica, nos sustenta y nos da identidad. La respuesta que le damos en nuestras lenguas a la pregunta sobre qué hacemos no da lugar a dudas: *sou* profesor, *soy* escritor, *je suis* abogado, *I am...* el trabajo nos da una identidad social vital.

Mi Brasil natal fue el último país en el mundo que formalmente le puso fin a la esclavitud. Digo formalmente porque dudo si realmente somos merecedores como nación de la afirmación de que erradicamos el trabajo indigno forzado e infligido a cualquier color de piel.

El día 11 de octubre, último día de la libertad de los pueblos originarios americanos, renové mi compromiso profundo con el pleno ejercicio de la ciudadanía. Firmé mi acta de toma de posesión en la Casa jurídica más antigua de las Américas, el Instituto de Abogados Brasileños (IAB), con una réplica de la pluma usada por la Princesa Isabel para firmar, en 1888, la ley que le pondría fin a la esclavitud, la Ley Áurea.

La elección de la famosa pluma no fue un hecho fortuito o meramente estético por la belleza del objeto. Además del hecho de que estaba en la Casa que aconsejó jurídicamente al padre de tal princesa, el Emperador Don Pedro II, hubo una acción política en mi elección, un recuerdo de que debemos continuar intentando eliminar las nefastas consecuencias

cosechadas después de años de esclavitud y que perduran en forma de segregación y violenta exclusión de una significativa parte de la población.

Mi simbólico acto de protesta contra los retrocesos en la lucha contra el trabajo esclavo, infantil y adulto, de hermanos sudamericanos y conciudadanos de cualquier color de piel, se volvió aún más relevante, en apenas 5 días, con la desfachatez del Decreto 1129 del Ministerio de Trabajo, del 16 de octubre.

El texto logra excluir cerca del 90% de los actuales procesos y casos investigados por el Ministerio Público de Trabajo en Brasil. Tiene una técnica legislativa tan peculiar que, en un único esfuerzo y sin disimulo, afronta a la Constitución Federal, al Código Penal Brasileño y a la Convención 81 de la Organización Internacional del Trabajo (OIT), asociando, además, trabajo esclavo apenas a la libertad y ya no a la dignidad. Volvimos espantosamente a 1888.

“Brasil, a partir de hoy, deja de ser referencia en el combate a la esclavitud que estaba siendo en la comunidad internacional”, dijo Antônio Rosa, coordinador del Programa de Combate al Trabajo Esclavo de la OIT en el país.

Estas luchas no son solamente de la comunidad LGBT o de trabajadores menos afortunados. Son luchas de todos, como ya bien dijo el dramaturgo y poeta alemán Bertold Brecht en *Intermezzo*.

Que no vengan y nos lleven porque no hicimos nada. El silencio de los buenos, que aterrorizaba a Martin Luther King, me asombra día y noche.

Debemos, de manera definitiva, firmar la Ley Áurea.



# Livros e rios como pessoas

*...Com o tempo, as pessoas que mais nos acompanham na vida talvez sejam livros. No meu caso, as pessoas que mais demoram na minha vida são mesmo feitas de papel.*

Valter Hugo Mãe

Em 47 anos de vida, me mudei 34 vezes. Fiz essas contas pensando alto durante o embarque de minhas caixas no caminhão que levaria minha última mudança do Rio de Janeiro para a capital mineira, Belo Horizonte. Notei que contava em voz alta ao ouvir um suspiro do caminhoneiro que lamentava não me ter encontrado antes, assegurando-me que já se teria aposentado.

Jurei que, desta vez, voltava a Belo Horizonte sem cozinhar um plano de fuga internacional no caminho. Era a quarta vez que, por algum motivo, a cidade me atraía de volta.

34 mudanças. Quando chego a Belo Horizonte com a outra parte da mudança, agora vindo da minha doce e vibrante Buenos Aires, minha esposa sabia exatamente em quais malas estavam meus livros: as únicas cujo conteúdo precioso para seu dono era denunciado pelo investimento em embalagens plásticas especiais e apólice de seguro.

Quando se mudava para assumir o cargo de juiz na fronteira com a Guiana Francesa, no então território do Amapá, um dos barcos que levava os livros do meu pai começa a se afundar. Sem hesitar e pensar no risco a que expunha sua vida, meu pai de pronto se joga nas águas incertas do Rio Amazonas, na tentativa de salvar a vida daqueles que lhe iriam fazer companhia no meio da selva, longe de sua esposa e filhos: seus livros. Guardo até hoje alguns exemplares ainda marcados pelas manchas das águas amazonenses. Sempre imagino que me foram doados como lembrança de como se deve tratar livros.

Clarice Lispector dizia que a coluna que mantinha no *Jornal do Brasil* a sequestrava intelectualmente a semana inteira. A escrita, antes mesmo de existir, já opera sua transformação no mundo do próprio autor. “O eco é anterior à voz que pronunciamos”, nos recorda o cantor espanhol Enrique Bunbury.

Diria que o fato de se escrever para um jornal nos aguça mais ainda a percepção. O deslocamento de nossa ótica é tão significativo que as mudanças são percebidas pelo escritor antes mesmo que escreva. É como se nos mantivéssemos em um certo estado de constante alerta. Mesmo relaxados, de repente, vem o momento inspirado pela realidade a nossa volta. É chegada a hora de matear.

Vivendo espiritualmente na Argentina, ansiava por trazê-la de maneira mais sólida para minha Belo Horizonte. A iniciativa da Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais de abrigar de maneira permanente em suas Coleções Especiais esse nosso matear mensal coroa esforços de integração entre povos. As colunas do jornal *El Argentino* agora são parte da prestigiosa Coleção Mineiriana, e as edições impressas serão adicionadas ao Acervo das Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Milhares de escolas públicas, em quase todos os 853 municípios do continente que é o estado de Minas Gerais, graças à capilaridade da impressionante rede de bibliotecas que gerencia a Biblioteca Pública Estadual, agora farão parte de nosso sonho coletivo de integração legislativa e cultural dos países do Mercosul e de nossa luta em defesa da vida em

comum, de nosso patrimônio cultural e ambiental. Agora Guauguaychú está solidamente a poucos passos de minha casa mineira.

Terra de montanhas e rios que inspiram seus poetas, a intrépida Belo Horizonte dá um gigante passo para o constitucionalismo sul-americano. Dia 05 de novembro último, sob a ousada batuta de meu colega na Faculdade Pitágoras, o Prof. Lafayette, ajuíza-se, na justiça federal, em Minas Gerais, a primeira ação na história da Terra Brasilis na qual um rio, o Rio Doce, bate às portas do judiciário como sujeito de direito. E o faz com base na belíssima Constituição de Montecristi de 2008 do irmão Equador, na Lei boliviana dos Direitos da Terra Mãe de 2012, na jurisprudência da Corte Constitucional colombiana que reconheceu em 2016 o rio Atrato como sujeito de direito, na Declaração Mexicana dos Direitos dos Rios, nos tratados internacionais com os quais nos comprometemos como nação e nos valores da Constituição Brasileira.

Livros e Rios como pessoas. Isso me dá esperança na humanidade.

Querido Guauguaychú, Rio do Jaguar, do Tigre Grande, aquele abraço! Nas suas margens, nascerá, em julho próximo, outra pessoa, um pequeno livro em sua homenagem: *Cartas a Guauguaychú*.



## Libros y ríos como personas

*...Con el tiempo, las personas que más nos acompañan en la vida tal vez sean libros. En mi caso, las personas que más demoran en mi vida son realmente hechas de papel.*

Valter Hugo Mãe

En 47 años de vida, me mudé 34 veces. Hice las cuentas pensando en voz alta durante el embarque de mis cajas en el camión que llevaba mi última mudanza de Río de Janeiro a la capital minera, Belo Horizonte. Me di cuenta que contaba en voz alta al oír un suspiro del camionero que lamentaba no haberme encontrado antes, asegurándome que ya se habría jubilado.

Juré que esta vez volvía a Belo Horizonte sin cocinar un plan de fuga internacional en el camino. Era la cuarta vez que por algún motivo la ciudad me atraía de vuelta.

34 mudanzas. Cuando llego a Belo Horizonte con la otra parte de la mudanza que venía de mi dulce y vibrante Buenos Aires, mi esposa sabía exactamente en qué valijas estaban mis libros: las únicas cuyo contenido precioso para su dueño era denunciado por el gasto en envolturas plásticas especiales y póliza de seguro.



Cuando se mudaba para asumir el cargo de juez en la frontera con la Guayana Francesa, en aquel entonces territorio de Amapá, uno de los barcos que llevaba los libros de mi padre empezó a hundirse. Sin dudarlo y sin pensar en el riesgo al que exponía su vida, mi padre de pronto se lanzó a las aguas inciertas del Río Amazonas en el intento de salvar la vida de aquellos que le iban a hacer compañía en medio de la selva, lejos de su esposa e hijos: sus libros. Guardo hasta hoy algunos ejemplares aún marcados por las manchas de las aguas amazonenses. Siempre imagino que me fueron dados como recuerdo de cómo se debe tratar un libro.

Clarice Lispector decía que la columna que mantenía en el *Jornal do Brasil* la secuestraba intelectualmente toda la semana. La escrita, inclusive antes de existir, ya opera su transformación en el mundo del propio autor. “El eco es anterior a la voz que pronunciamos”, nos recuerda el cantante español Enrique Bunbury.

Diría que el hecho de escribir para un diario nos afila todavía más la percepción. El desplazamiento de nuestra óptica es tan significativo que los cambios son percibidos por el escritor aun antes de escribir. Es como si nos mantuviésemos en un cierto estado de constante alerta. Incluso relajados, de repente llega el momento inspirado por la realidad alrededor. Ha llegado la hora de matear.

Viviendo espiritualmente en Argentina, ansiaba traerla de forma más sólida a mi Belo Horizonte. La iniciativa de la Biblioteca Pública del Estado de Minas Gerais de abrigar de manera permanente en sus Colecciones Especiales nuestro matear mensual coronó los esfuerzos de integración entre los pueblos. Las columnas del diario *El Argentino* forman parte ahora de la prestigiosa Colección Mineriana y las ediciones impresas serán adicionadas al Acervo de Colecciones Especiales de la Biblioteca Pública Estatal de Minas Gerais.

Miles de escuelas públicas, en casi todos los 853 municipios del continente que es el estado de Minas Gerais, a través de la capilaridad de la impresionante red de bibliotecas que gerencia la Biblioteca Pública Estatal,

ahora formarán parte de nuestro sueño colectivo de integración legislativa y cultural de los países del Mercosur y de nuestra lucha en defensa de la vida en común, de nuestro patrimonio cultural y ambiental. Ahora Gualeguaychú está sólidamente a pocos pasos de mi casa minera.

Tierra de montañas y ríos que inspiran a sus poetas, la intrépida Belo Horizonte da un paso gigante para el constitucionalismo sudamericano. El día cinco de noviembre pasado, bajo la osada batuta de mi colega en la Facultad Pitágoras, el Prof. Lafayette, se presentó en la justicia federal en Minas Gerais la primera acción en la historia de la Tierra Brasilis en la cual un río, el Río Doce, golpea la puerta del poder judicial como sujeto de derecho. Y lo hace basado en la bellísima Constitución de Montecristi de 2008 del hermano Ecuador, en la Ley boliviana de los Derechos de la Madre Tierra de 2012, en la jurisprudencia de la Corte Constitucional colombiana que reconoció en 2016 al río Atrato como sujeto de derecho, en la Declaración Mexicana de los Derechos de los Ríos, en los tratados internacionales con los cuales nos comprometemos como nación y en los valores de la Constitución Brasileña.

Libros y Ríos como personas. Eso me da esperanza en la humanidad.

Querido Gualeguaychú, Río del Yaguar, del Tigre Grande, ¡un abrazo enorme! En tu orilla nacerá en julio otra persona, un pequeño libro en tu homenaje: *Cartas a Gualeguaychú*.



## Calçadas

Dia desses, sentado nas calçadas de Gualeguaychú, cercados de amigos e comidinhas, em um ritual logo após o pôr do sol e já há muito perdido nas urbes brasileiras, nos pegamos no meio de uma conversa sobre o tipo de brasileiro e o tipo de argentino que se encontrava fora do país, em certas partes do mundo, e alguns incômodos em comum provocados pelas atitudes insólitas desses clássicos personagens.

Claro que isso varia muito, mas disse que era de longa data minha resistência a Bariloche justamente pelo tipo de brasileiro com muito dinheiro e pouco interesse cultural que para aí seguia a tirar fotos na neve para as revistas de fofocas. Com quase 50 anos de idade e 30 de resistência e por conta de um Congresso, fui parar em um paraíso a poucos quilômetros do que cria ser o epicentro dos famosos de novelas brasileiras e seus séquitos de seguidores, em uma cidadezinha chamada Villa La Angostura.

Ruy Castro, um dos meus colunistas favoritos brasileiros, nesta semana declarou seu amor por Lisboa em sua coluna na *Folha de São Paulo*. Voltou de lá em 1975, mas afirmava que “era como se nunca tivesse saído”. Só uma coisa o preocupava sobre Lisboa agora e então: “muitos brasileiros”.

Era final de agosto e primeiros dias de setembro, quando me arrisquei pela Patagônia argentina. Não tive uma única coisa a reclamar. Só elogios. Inclusive a falta de brasileiros.

Li com apreensão a coluna de Ruy Castro e me perguntei se não estava alardeando demasiadamente a pérola que é Gualaguaychú, agora que meus arroubos e juras de amor pela cidade estão permanentemente presentes em Belo Horizonte e no Brasil pela Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Acontece que, na realidade, meu segredo já não era assim tão desconhecido. Justo José de Urquiza y Garcia era cliente e amigo do Visconde de Mauá em um momento em que as políticas externas da diplomacia brasileira nem sempre ajudavam seus negócios ou mesmo os interesses nacionais. Mauá visitou a região em seus esforços para pacificar os ânimos e afugentar as ideias de guerra que afastavam os povos do Brasil e do Prata. O livro *Urquiza y Maua: el Mercosul del siglo XIX* nos dá uma ideia da robustez da relação entre a região e o empresário e sonhador brasileiro.

Pergunto-me que livro estamos escrevendo agora. Seja qual for, semana passada nosso barco integrador saiu do porto, e agora embarcamos em um caminho sólido, já com faróis instalados, cartas náuticas criadas e as primeiras ruas dos novos portos calçadas rumo à nossa integração. Assinamos acordos entre atores chaves entrerrienses e brasileiros, e acaba de ser criado o Instituto para a Integração, que terei a honra de dirigir. Unimos o poeta piauiense Torquato Neto com Olegario V. Andrade, Luis N. Palma e Gervasio Méndez. E para honrar Vinicius de Moraes, que afirmava nunca haver visto boa amizade nascer em leiteria, celebramos com assados. O leite, poetinha, ficou por conta do doce clássico do pudim de Marina. Depois do Malbec, claro.

Ganhar as calçadas – ou reganhá-las – seja em Miami ou em qualquer outro lugar, é um ato complexo. Não perdemos esse prazeroso hábito por uma questão de pressa ou por seu aparente anacronismo. Foi por insegurança mesmo que deixamos de nos ver.

Tive a honra na semana passada de entregar na Câmara dos Vereadores de minha cidade espiritual um diploma de alfabetização para um adulto trabalhador da cooperativa de reciclagem de lixo local. Era parte do último grupo e agora podiam se orgulhar de fazer parte de uma cooperativa com analfabetismo zero. Entreguei o diploma para um homem que agora podia ler para seus filhos, não para que tenham sono, mas “para que tenham sonhos”, como nos sugere o jornalista do *El Argentino*, Nahuel Maciel, que coordenou esse projeto.

Analfabetismo zero. Talvez seja essa a solução para um turismo mundialmente mais interessante e calçadas mais habitáveis.

Já de volta a minha outra pátria, sigo sofrendo de lonjuras, com abstinência de Gualeguaychú e de meus amados amigos. Saber que sempre tenho uma *parrila* acesa e um malbec me esperando, que matearei sentado em suas calçadas cercados de vocês, queridos amigos, com um único intuito e preocupação de aproveitar aquele momento, me põe freneticamente a trabalhar para encurtar o tempo para uma integração profunda. Feliz 2018, Gualeguaychú!

Sábio Mauá.



## Veredas

Un día de estos, sentado en las veredas de Gualeguaychú, rodeado de amigos y comida, en un ritual después del atardecer, que ya se ha perdido hace tiempo en las urbes brasileñas, nos vimos en medio de una charla sobre el tipo de brasileño y el tipo de argentino que se encuentra fuera del país en ciertas partes del mundo, y algunos incómodos en común provocados por las actitudes insólitas de estos clásicos personajes.

Claro que eso varía mucho, pero yo dije que siempre había tenido resistencia con Bariloche justamente por el tipo de brasileño con mucho dinero y poco interés cultural que para allá va a sacarse fotos en la nieve para las revistas de chismes. Con casi 50 años y 30 de resistencia y por causa de un congreso, fui a parar a un paraíso a pocos kilómetros de lo que creía ser el epicentro de los famosos de novelas brasileñas y sus séquitos de seguidores, una pequeña ciudad llamada Villa La Angostura.

Ruy Castro, uno de mis columnistas favoritos brasileños, esta semana declaró su amor por Lisboa en su columna en *Folha de São Paulo*. Volvió de allá en 1975, pero afirmaba que “era como si nunca se hubiese ido”. Solamente una cosa le preocupaba sobre Lisboa en aquellos tiempos y hasta hoy: “muchos brasileños”.



Era fines de agosto y primeros días de septiembre cuando me aventuré en la Patagonia argentina. No tuve nada de que quejarme. Apenas elogios. Incluso la falta de brasileños.

Leí con atención la columna de Ruy Castro y me pregunté si no estaría alardeando demasadamente la perla que es Guauguaychú, ahora que mis arrobamientos y promesas de amor por la ciudad están permanentemente presentes en Belo Horizonte y en Brasil a través de la Colección Mineriana de la Biblioteca Pública Estatal de Minas Gerais.

Lo que pasa es que en realidad mi secreto ya no era tan desconocido. Justo José de Urquiza y Garcia era cliente y amigo del Vizconde de Mauá en un momento en que las políticas externas de la diplomacia brasileña no siempre ayudaban a sus negocios, o incluso a los intereses nacionales. Mauá visitó la región en sus esfuerzos para pacificar los ánimos y ahuyentar las ideas de guerra que alejaban los pueblos de Brasil y del Plata. El libro *Urquiza y Maua: el Mercosur del siglo XIX*, nos da una idea de la robustez de la relación entre la región y el empresario y soñador brasileño.

Me pregunto qué libro estamos escribiendo ahora. Sea cual sea, la semana pasada nuestro barco integrador salió del puerto y ahora embarcamos en un camino sólido, con faroles ya instalados, cartas náuticas creadas y las primeras calles de los nuevos puertos adoquinadas rumbo a nuestra integración. Firmamos acuerdos entre actores claves entrerrianos y brasileños y acaba de ser creado el Instituto para la Integración, que tendré la honra de dirigir. Unimos al poeta piauiense Torquato Neto con Olegario V. Andrade, Luis N. Palma y Gervasio Méndez. Y para honrar a Vinicius de Moraes, que afirmaba nunca haber visto una buena amistad nacer en lechería, celebramos con asados. La leche, *poetinha*, la dejamos para el dulce clásico del flan de Marina. Después del malbec, claro.

Ganar las veredas – o reganarlas – sea en Buenos Aires, Belo Horizonte o en cualquier otro lugar, es un acto complejo. No perdimos ese placentero hábito por una cuestión de prisa o por su aparente anacronismo. Fue por inseguridad que dejamos de vernos.

La semana pasada tuve la honra de entregar en el Concejo Deliberante de mi ciudad espiritual un diploma de alfabetización para un adulto trabajador de la cooperativa de reciclaje de residuos local. Era integrante del último grupo y ahora podían enorgullecerse de formar parte de una cooperativa con analfabetismo cero. Le entregué el diploma a un hombre que ahora podía leerle a sus hijos, no porque cause sueño, sino “para que tengan sueños”, como nos sugiere el periodista de *El Argentino*, Nahuel Maciel, que coordinó ese proyecto.

Analfabetismo cero. Tal vez sea esa la solución para un turismo mundialmente más interesante y veredas más habitables.

De vuelta en mi otra patria, sigo sufriendo de lejanías, con abstinencia de Gualeguaychú y de mis amados amigos. Saber que siempre tengo una parrilla encendida y un malbec esperándome, que matearé sentado en sus veredas rodeado de ustedes, queridos amigos, con el único objetivo y preocupación de aprovechar aquel momento, me pone frenéticamente a trabajar para acortar el tiempo para una integración profunda. ¡Feliz 2018 Gualeguaychú!

Sabio Mauá.



# Vamos matar o criminoso?

*Não há governabilidade neoliberal sem que exista um Sistema de Justiça Criminal voltado para assegurar esse projeto, isso porque nele se exterioriza não só a constituição e o desenvolvimento de um modo de produção material, como também relações estruturais de poder, exclusão, segurança e dominação.*

Rubens R. R. Casara

O polêmico título do livro de Mário Ottononi, criador do método APAC de prisões humanizadas no Brasil, que tomei emprestado para chamar a sua atenção, caro leitor, é traduzido, na prática, pela frase que se lê na entrada de cada um desses centros que promovem o encontro do ser humano com sua própria humanidade: “Aqui entra o homem. O delito fica lá fora”. A ideia é matar o criminoso que está dentro e libertar o homem que já não se via mais.

No meio de políticas públicas equivocadas e sem rumo, alguns dados chamam a atenção no último relatório do INFOPEN – o par brasileiro do SNEEP argentino – de 8 de dezembro de 2017. Em junho de 2016, tínhamos 726.712 presos para pouco mais de 350.000 vagas (sem levar em conta os que estão em prisão domiciliar ou monitoramento eletrônico), em

um vertiginoso aumento de mais de 40% de nossa população carcerária entre 2011 e 2016. Uma coisa não mudou: o perfil de quem encarceramos. 64% são negros – 73% se levarmos em conta somente as prisões federais. 80% não concluíram o Ensino Médio; 55% têm até 29 anos, percentual que se eleva a 74% quando o recorte vai até 34 anos.

Defendo de maneira obcecada que nossa única saída é a educação. Agora com a terceira maior população carcerária do mundo, meu Brasil natal está se dando conta que prende muito e que prende muito mal.

Pelos números do último SNEEP de novembro de 2017, agora Sistema Nacional de Estatística sobre Execução da Pena – vê-se a Argentina caminhando rumo ao mesmo abismo brasileiro. A população carcerária em presídios federais, provinciais e delegacias subiu 41% em relação a 2006, mas 86% em relação a 2001. 61% têm menos do que 35 anos, 69% só fez o ensino fundamental. O estrangeiro, tão mal falado recentemente, ocupa apenas 5% das celas argentinas. O sistema prende mesmo é o argentino jovem, e que, por poucos anos, frequentou a escola.

Entrar em uma APAC – Associação de Proteção e Assistência ao Condenado – pela primeira vez me fez lembrar o criminologista norueguês Niels Christie, que afirmava que nunca encontrou o monstro que sempre alertavam que lhe mostrariam a cada nova visita que fazia a prisões distintas, em variadas partes do mundo ao longo de sua vida. Sempre que se deparou frente a frente com um detento, encontrou nele os mesmos traços de humanidade dele mesmo, as mesmas fraquezas e os mesmos potenciais.

Me encontrei diante de homicidas, violadores, ladrões de todos os tipos, traficantes. Como no método APAC não se sabe quem é o detento e quem trabalha no sistema penal, se o recuperando – assim se chama um preso neste sistema que o valoriza enquanto homem – não se identificasse, eu lhes juro que não poderia saber quem era o meu interlocutor. Procurava o monstro e não o encontrava. Nada me diferenciava de meus interlocutores.

Saí da APAC em Santa Luzia, uma cidadezinha perto do grande e complexo centro urbano que se tornou Belo Horizonte, ainda mais crente

no meu agora já mantra de que da violência individual o direito dá conta. Da violência estrutural que enfrentamos, essa somente a educação pode resolver.

Um dos pilares do projeto APAC é justamente a educação. Todos os presos estudam, independentemente de onde pararam. Assim, com um compromisso público na Câmara de Vereadores da minha Gualeguaychú, recebi a comenda mais especial de minha vida e a única que agora orgulhosamente figura em minha parede: fui nomeado Catedrático para a Solidariedade e Paz pelo Parlamento Internacional dos Estados para a Segurança e Paz das Nações Unidas. Meu compromisso público? Jurei voltar, em dezembro de 2018, com os resultados da implementação dos fundamentos do Projeto Multidisciplinar da UNESCO *hacia una cultura de paz*, no projeto pedagógico de uma nova APAC que se está construindo em Belo Horizonte.

A ideia é gerar um programa educacional que fomente a formação de seres humanos que estejam prontos para assumir seu lugar no mundo sem ter de excluir o outro.

Comecei o ano de 2017 escrevendo sobre motins e decapitações em prisões país afora. Início 2018 com um projeto pedagógico para o sistema penal.

Bandido bom é bandido vivo. E recuperado.



## ¿Vamos a matar al criminal?

*No existe gobernabilidad neoliberal sin que haya un Sistema de Justicia Criminal propicio para asegurar ese proyecto, porque en él se exteriorizan no sólo la constitución y el desarrollo de un modo de producción material, sino también relaciones estructurales de poder, exclusión, seguridad y dominación.*

Rubens R. R. Casara

El polémico título del libro de Mario Ottoboni, creador del método APAC de prisiones humanizadas en Brasil, que tomé prestado para llamarle la atención, querido lector, se traduce, en la práctica, con la frase que se lee en la entrada de cada uno de estos centros que promueven el encuentro del ser humano con su propia humanidad: “Aquí entra el hombre. El delito queda afuera”. La idea es matar al criminal que está dentro y libertar al hombre que ya no podía verse.

En medio de políticas públicas equivocadas y sin rumbo, algunos datos llaman la atención en el último informe del INFOPEN – el par brasileño del SNEEP argentino – del 8 de diciembre de 2017. En junio de 2016, había 726.712 presos para una capacidad de poco más de 350.000 (sin contar aquellos que están en prisión domiciliar o monitoreo electrónico), en un



vertiginoso aumento de más del 40% de nuestra población carcelaria entre 2011 y 2016. Pero algo no ha cambiado: el perfil de quienes encarcelamos. El 64% son negros – 73% si tenemos en cuenta solamente a las prisiones federales –. El 80% no terminó la escuela secundaria. El 55% tiene hasta 29 años, porcentaje que se eleva a 74% cuando el recorte va hasta 34 años.

Defiendo de manera obcecada que nuestra única salida es la educación. Ahora con la tercera mayor población carcelaria del mundo, mi Brasil natal está dándose cuenta que encarcela mucho y que encarcela muy mal.

Por los números del último SNEEP de noviembre de 2017 – Sistema Nacional de Estadísticas sobre Ejecución de la Pena – puede verse a la Argentina caminando rumbo al mismo abismo brasileño. La población carcelaria en prisiones federales, provinciales y comisarias subió un 41% en relación al 2006, pero un 86% en relación al 2001. El 61% tiene menos de 35 años, el 69% solo terminó la escuela primaria. El extranjero, tan difamado recientemente, ocupa apenas el 5% de las celdas argentinas. El sistema encarcela en verdad al argentino joven, pobre y que pocos años frecuentó la escuela.

Entrar en una APAC – Asociación para la Protección y Asistencia a los Condenados – por primera vez, me recordó al criminólogo noruego Niels Christie, que afirmaba que nunca encontró al monstruo que siempre alertaban que le mostrarían en cada nueva visita que hacía a prisiones distintas, en diferentes partes del mundo, a lo largo de su vida. Siempre que se deparó frente a frente con un detenido, encontró en éste los mismos trazos de humanidad de sí mismo, las mismas debilidades y los mismos potenciales.

Me encontré delante de homicidas, violadores, ladrones de todos los tipos, traficantes. Como en el método APAC no se sabe quién es el detenido y quién trabaja en el sistema penal, si el “recuperando” – así es como se les llama a los presos en este sistema que los valora como hombres – no se identificase, les juro que no podría saber quién era mi interlocutor. Buscaba al monstruo y no lo encontraba. Nada me diferenciaba de mis interlocutores.

Salí de la APAC en Santa Luzia, una pequeña ciudad cerca del grande y complejo centro urbano que se tornó Belo Horizonte, creyendo aún más en lo que se volvió mi mantra: de la violencia individual, el derecho se ocupa; de la violencia estructural que enfrentamos, solamente la educación puede hacerse cargo.

Uno de los pilares del proyecto APAC es justamente la educación. Todos los presos estudian, independientemente de donde hayan parado. Así, con un compromiso público en el Concejo Deliberante de mi Gualeguaychú, recibí el galardón más especial de mi vida y el único que ahora orgullosamente figura en mi pared: fui nombrado Catedrático para la Solidaridad y la Paz por el Parlamento Internacional de los Estados para la Seguridad y la Paz de las Naciones Unidas. ¿Mi compromiso público? Juré volver en diciembre de 2018 con los resultados de la implementación de los fundamentos del Proyecto transdisciplinario de la UNESCO “Hacia una Cultura de Paz” en el proyecto pedagógico de una nueva APAC que se está construyendo en Belo Horizonte.

La idea es generar un programa educacional que fomente la formación de seres humanos que estén listos para asumir su lugar en el mundo sin tener que excluir al otro.

Empecé el año 2017 escribiendo sobre motines y decapitaciones en prisiones por todo el país. Inicio el 2018 con un proyecto pedagógico para el sistema criminal.



## O outro sou eu

*Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.*

Clarice Lispector, “Mineirinho”

Literariamente, 2018 começou bem. Conheci, por meio de meu amigo argentino Juan Weimberg, a crônica de Clarice Lispector que reputo ser uma das melhores coisas que já li dela. Aliás, uma das melhores que já li. Há algo borgeano neste conto no qual não falta nem sobra palavra.

Há textos que nos marcam para sempre. Há aqueles que nos dão a sensação de que subitamente uma luz se acendeu em nossa mente; há outros que acendem algo em nossa alma e há também aqueles que nos marcam como lembrança de nossos limites humanos e literários. “Mineirinho” é tudo isso e um pouco mais.

Ruminando há décadas minhas pretensões literárias, quase as descartei de vez quando li *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. É o tipo de obra tão tremendamente bem construída que pensei que seria melhor parar de pensar em tentar. Sabia intimamente que nunca chegaria a criar mundos com tamanha perfeição. No livro de Hatoum, os odores e essências dos mercados de minha infância no norte do país me arrebatavam com o simples folhear das páginas.

Há outros, entretanto, que trazem um pouco mais de esperança a pretensos novos escritores. Há muito que não via Robert Frost servir de inspiração para algo que não fosse clichê como no belo *O Menino, o Assovio e a Encruzilhada*, do escritor e amigo Afonso Borges. A mensagem do poema original foi expandida de uma forma deleitosa ainda que sublimemente didática, sem falar das maravilhas das jabuticabas e frutas brasileiras no caminho. Para quem passou a angústia de ter que decidir o que ser aos 16 ou 17 anos, antes de ter lido Antônio Machado e sem que ninguém lhe contasse que tal decisão pode (e deve) ser tomada no caminho, o livro é de um poder libertador imenso! Economiza muita terapia e vodkas futuras. É certo que o lerei frequentemente para Joaquim.

Profundidade e leveza são adjetivos difíceis de se colocar numa mesma linha. Mas é com esses atributos, assim como no livro de Afonso Borges, que a crônica “Mineirinho” de Clarice descreve, em 108 linhas e 1448 palavras, tudo o que eu gostaria de ter dito, escrito ou lido sobre justiça até hoje.

Publicado em 1978, demorei 40 anos para conhecer “Mineirinho”. Espero que não demoremos outros 40 para digerir a única solução pra nossa justiça, que nos ofereceu Clarice de modo tão sucinto:

Uma justiça prévia que se lembrasse de que nossa grande luta é a do medo, e que um homem que mata muito é porque teve muito medo. Sobretudo uma justiça que se olhasse a si própria, e que visse que nós todos, lama viva, somos escuros, e por isso nem mesmo a maldade de um homem pode ser entregue à maldade de outro homem: para que este não possa cometer livre e aprovadamente um crime de fuzilamento.

A angústia de Clarice era tentar explicar por que lhe interessava mais contar os 13 tiros que mataram um criminoso fuzilado pela polícia que seus crimes. Identificar-se com ele em sua humanidade era distanciar-se da crueldade do excesso da punição. Isso não significava absolvê-lo pelas consequências de seus crimes. O desconforto de Clarice era o mesmo de Luther King: não ser parte do incômodo silêncio dos bons.

Em 1999, enquanto vivia na tranquila Estocolmo de então, notei bastante surpreso a presença das forças armadas suecas na estrada que me levava à Dinamarca a caminho do aniversário de um amigo. Viajando com Bjorn, um amigo local que havia conhecido quando estudamos juntos em Sussex, na Inglaterra, perguntei o porquê do aparente exercício militar em um ensolarado sábado do normalmente pacífico verão escandinavo. Estava ciente do cinematográfico roubo a um banco no centro de Estocolmo no dia anterior. Meu amigo confidenciou-me, então, com visível desconforto e alarme, que no tal assalto, pela primeira vez desde 1902, um policial sueco morreria em serviço.

132. Esse foi o número de policiais militares mortos até 23 de dezembro do ano passado somente na naturalmente bela e artificialmente sorridente Rio de Janeiro, aquela cidade que deixei pra trás há dois anos com a angústia provocada pela autoimolação emocional necessária para que se possam virar as costas, por puro instinto de sobrevivência, a uma amante com a qual já não se pode mais viver, mas que ainda se ama.

Clarice, como Vinicius de Moraes, Lígia Fagundes Telles, Monteiro Lobato, Castro Alves e tantos outros, também estudou direito. Fizeram mais pelo direito e a justiça do que o contemporâneo e recorrente legocentrismo que divorcia o direito da realidade social, a práxis jurídica da social.

“Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela”, afirmou Clarice.

Sem sala de aula, sem poesia, seguiremos nos matando.



## El otro soy yo

*Esta es la ley. Pero existe algo que, si me hace oír el primer y el segundo tiro con un alivio de seguridad, el tercero me pone alerta, el cuarto desasosegada, el quinto y el sexto me cubren de vergüenza, el séptimo y el octavo los oigo con el corazón latiendo de horror, en el noveno y en el décimo mi boca está temblorosa, en el decimoprimerito digo con espanto el nombre de Dios, en el decimosegundo llamo a mi hermano. El decimotercero me asesina, porque yo soy el otro. Porque quiero ser el otro.*

Clarice Lispector, “Mineirinho”

Literariamente, el 2018 empezó bien. Conocí, a través de mi amigo argentino Juan Weimberg, la crónica de Clarice Lispector que reputo ser una de las mejores cosas tuyas que he leído. En verdad, una de las mejores cosas que he leído. Hay algo borgiano en este cuento al que no le falta ni sobra una palabra.

Hay textos que nos marcan para siempre. Hay aquellos que nos dan la sensación de que súbitamente una luz se enciende en nuestra mente; hay otros que encienden algo en nuestra alma y hay también aquellos que nos marcan como recuerdos de nuestros límites humanos y literarios. “Mineirinho” es todo eso y un poco más.



Rumiando hace décadas mis pretensiones literarias, casi las descarté definitivamente cuando leí *Dos Hermanos* de Milton Hatoum. Es el tipo de obra tan tremendamente bien construida que pensé que sería mejor parar de pensar en intentarlo. Sabía íntimamente que nunca llegaría a crear mundos con tamaña perfección. En el libro de Hatoum, los aromas y esencias de los mercados de mi infancia en el norte del país me arrebatában con tan solo hojear las páginas.

Hay otros, sin embargo, que traen un poco más de esperanza para los aspirantes a escritores. Hacía mucho que no veía a Robert Frost sirviendo de inspiración para algo que no fuese un cliché como en el bello *O Menino, o Assovio e a Encruzilhada* del escritor y amigo Afonso Borges. El mensaje del poema original fue expandido de una forma deleitosa aunque sublimemente didáctica, y ni hablar de las maravillas de las jaboticabas y frutas brasileñas en el camino. Para quien pasó por la angustia de tener que decidir qué hacer a los 16 o 17 años, antes de haber leído Antonio Machado y sin que nadie le contase que tal decisión puede (y debe) ser tomada en el camino, el libro tiene un poder libertador inmenso. Nos ahorra mucha terapia y futuros vodkas. Seguro que se lo leeré a Joaquim frecuentemente.

Profundidad y levedad son adjetivos difíciles de colocar en la misma línea. Pero es con estos atributos, así como el libro de Afonso Borges, que la crónica “Mineirinho” de Clarice describe en 108 líneas y 1448 palabras todo lo que me gustaría haber dicho, escrito o leído sobre justicia hasta hoy.

Publicado en 1978, tardé 40 años para conocer “Mineirinho”. Espero que no tardemos otros 40 para digerir la única solución para nuestra justicia y que Clarice nos ofreció de manera tan sucinta: “Una justicia previa que se acordara de que nuestra gran lucha es la del miedo, y que un hombre que mata mucho es porque tuvo mucho miedo. Sobre todo, una justicia que se mirase a sí misma, y que viera que todos nosotros, barro vivo, somos oscuros, y por eso ni siquiera la maldad de un hombre puede ser entregada a la maldad de otro hombre: para que este no pueda cometer libre y aprobadamente un crimen de fusilamiento.”

La angustia de Clarice era intentar explicar por qué le interesaba más contar los trece tiros que mataron a un criminal fusilado por la policía, que sus crímenes. Identificarse con él en su humanidad era distanciarse de la crueldad del exceso de punición. Eso no significaba absolverlo por las consecuencias de sus crímenes. La incomodidad de Clarice era la misma de Luther King: no ser parte del molesto silencio de los buenos.

En 1999, mientras vivía en la tranquila Estocolmo de aquellos tiempos, noté sorprendido la presencia de las fuerzas armadas suecas en la ruta que me llevaba a Dinamarca, camino al cumpleaños de un amigo. Viajando con Bjorn, un amigo de allá que había conocido cuando estudiábamos juntos en Sussex, en Inglaterra, le pregunté el porqué del aparente ejercicio militar en un soleado sábado del normalmente pacífico verano escandinavo. Era consciente del cinematográfico robo a un banco en el centro de Estocolmo el día anterior. Mi amigo me confidenció, con visible incomodidad y preocupación, que en ese tal asalto, por primera vez desde 1902 un policía sueco había muerto en servicio.

132. Ese fue el número de policías militares muertos hasta el 23 de diciembre del año pasado solamente en la naturalmente bella y artificialmente sonriente Rio de Janeiro, esa ciudad que dejé atrás hace dos años, con la angustia provocada por la autoinmolación emocional necesaria para que se pueda darle la espalda, por puro instinto de sobrevivencia, a una amante con la cual ya no se puede vivir más, pero a la que todavía se ama.

Clarice, al igual que Vinicius de Moraes, Lígia Fagundes Telles, Monteiro Lobato, Castro Alves y tantos otros, también estudió derecho. Hicieron más por el derecho y la justicia que el contemporáneo y recurrente legocentrismo que divorcia el derecho de la realidad social, la praxis jurídica de la social.

“Esa justicia que vela mi sueño, la repudio, humillada por necesitar de ella”, afirmó Clarice.

Sin aulas, sin poesía, nos seguiremos matando.



## A insustentável leveza do ser

*E eu poderia suportar, embora não sem dor,  
que tivessem morrido todos os meus amores,  
mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos.*

Vinicius de Moraes

A finitude é algo tão incômodo para o ser humano que, em algumas culturas como a nossa, praticamente finge-se que ela não existe. É algo para densos discursos filosóficos. Em termos religiosos, apegamos-nos majoritariamente à ideia de uma hipotética – nem tanto para alguns – continuação da existência atual, com o bônus da eternidade. Ou a alguma crença em idas e vindas como no espiritismo, algo já esquecido na França, mas bastante popular no colorido sincretismo religioso brasileiro.

“Se o ser humano pensasse sobre sua evidente finitude, certamente se paralisaria, não conseguiria realizar nada”, ouvi dia desses de um famoso médico coordenador de um exitoso núcleo de captação de órgãos para a doação. Esse certamente tem contato com a finitude do ser humano intensamente.

“Se nos dermos conta de que podemos morrer a qualquer segundo, iríamos querer morrer como um idiota?”, perguntou várias vezes Don Juan,

o xamã e mentor de Carlos Castañeda, ao longo dos vários volumes da mítica e mística obra.

A visão do *brujo* é o oposto da do médico. Don Juan nos ensina que não devemos desperdiçar um único segundo de nossa breve existência em ações que reputamos desnecessárias. Com aguda noção de sua finitude, ciente de que a morte está a uma pequena distância à sua esquerda e pode tocar-lhe o ombro a qualquer instante, o homem vive de forma mais focada. Não irá querer morrer fazendo algo que lhe desagrade e que não respeita.

O leitor, que a esta altura já me conhece de alguma forma, saberá que esposo a visão de Don Juan.

São outras, entretanto, as penas culpadas por me darem uma visão agudamente lúcida do horror e da angústia da finitude. Gabriel García Márquez, em *Doze Contos Peregrinos*, relata-nos um sonho que certa vez teve, quando morava em Barcelona. Sonhou que havia morrido e que participava a pé, com seus amigos latino-americanos, de seu próprio funeral. Estavam todos muito contentes, ele inclusive, de estarem reunidos depois de tanto tempo. Foi somente na despedida da algazarra que lhe veio o peso da morte. Um de seus amigos, na hora em que todos saíam, disse-lhe em voz dura: “você não. Você fica”. García Márquez se assombra então com a mais desoladora definição de morte para ele (e pra mim também): “descobri ali que morrer é nunca mais poder estar com os amigos”.

Agradou-me um pouco mais a solução do mineiro Murilo Rubião em seu icônico *O Pirotécnico Zacarias*. Seu personagem, um pouco mais rebelde do que o defunto de García Márquez, após ser vitimado em um atropelamento, recusa-se a morrer e vai beber com seus algozes. Perambula eternamente pela cidade e, mesmo que dele as pessoas eventualmente fujam, resiste obstinadamente a despedir-se dos amigos.

Aos que ainda creem que vale a pena perder amigos por causa de um julgamento de um político, lembro-lhes a dica do colunista e humorista brasileiro José Simão: “brigar por política no Brasil é como ter uma crise

de ciúmes na zona. Não tem virgem na política no Brasil.” Isso inclui suas postagens nas nuvens da pós-verdade.

Não morram como idiotas. “A vida é muito curta para ser tão pequena”, já dizia outra voz responsável por minha visão sobre a finitude, o sempre primorosamente atormentado Fernando Pessoa.

Em 2018, dois a cada três sul-americanos vão escolher um presidente novo. Espero que não se emule América Latina afora o contexto narrado pelo meu grande amigo e irmão argentino, o defensor público Ricardo Golly, quando descrevia os tempos sombrios de nossos pais nas últimas ditaduras argentina e brasileira, nas quais “o simples fato de se pensar, de se ser generoso, de se ser humano, era visto como subversivo”.

Que medo que tenho de anos eleitorais em nossos países! Tentávamos resolver problemas sociais com o código penal na mão. Como em uma crônica de um fracasso anunciado, em vez de mudarmos a lógica, a recrudescemos: por que não colocar tanques e militares armados com fuzis apontados para gente simples e inocente nas ruas e becos das favelas da cidade que se esforça pra se convencer que é maravilhosa?

Uma criança não deveria conhecer o cano de um revólver de frente.

O bom é que, sempre que lhes escrevo, a esperança volta. Vinicius certamente tinha razão, “a gente não faz amigos, reconhece-os”.

Nunca contei tanto os dias para uma eleição democrática com medo de que ela nunca chegue.



# La insoportable levedad del ser

*Y yo podría soportar, aunque no sin dolor,  
que hubiesen muerto todos mis amores,  
pero enloquecería si muriesen todos mis amigos.*

Vinicius de Moraes

La finitud es algo tan incómodo para el ser humano que en algunas culturas como la nuestra prácticamente se finge que no existe. Es algo para densos discursos filosóficos. En términos religiosos, nos apegamos mayoritariamente a la idea de una hipotética – no tanto para algunos – continuación de la existencia actual, con el bonus de la eternidad. O a alguna creencia en idas y vueltas como en el espiritismo, algo ya olvidado en Francia, pero muy popular en el colorido sincretismo religioso brasileño.

“Si el ser humano pensase sobre su evidente finitud, seguramente se paralizaría, no conseguiría realizar nada”, oí un día de estos, de un famoso médico coordinador de un exitoso núcleo de captación de órganos para donación. Él ciertamente tiene contacto con la finitud del ser humano intensamente.

“Si nos diéramos cuenta de que podemos morir en cualquier momento, ¿querríamos morir como idiotas?”, preguntó varias veces Don Juan, el



chamán y mentor de Carlos Castañeda, a lo largo de los varios volúmenes de la mítica y mística obra.

La visión del brujo es la opuesta a la del médico. Don Juan nos enseña que no debemos desperdiciar un único segundo de nuestra breve existencia en acciones que reputamos innecesarias. Con aguda noción de su finitud, consciente de que la muerte está a una pequeña distancia a su izquierda y puede tocarle el hombro en cualquier instante, el hombre vive de forma más centrada. No querrá morir haciendo algo que le desagrade y que no respeta.

El lector que a esta altura ya me conoce de alguna forma, sabrá que abrazo la visión de Don Juan.

Son otras, sin embargo, las penas culpadas de darme una visión agudamente lúcida del horror y de la angustia de la finitud. Gabriel García Márquez, en *Doce Cuentos Peregrinos*, nos relata un sueño que cierta vez tuvo cuando vivía en Barcelona. Soñó que había muerto y que participaba a pie, con sus amigos latinoamericanos, de su propio funeral. Estaban todos muy contentos, él inclusive, por estar reunidos después de tanto tiempo. Fue solo en la despedida de la algazara que se le vino el peso de la muerte. Uno de sus amigos, en el momento en que todos salían, le dijo con voz severa: “eres el único que no puede irse”. García Márquez se aterra así con la más desoladora definición de la muerte para él (y para mí también): “Sólo entonces comprendí que morir es no estar nunca más con los amigos”.

Me agradó un poco más la solución del minero Murilo Rubião en su icónico *O Pirotécnico Zacarias*. Su personaje, un poco más rebelde que el difunto de García Márquez, después de ser victimado en un atropello, se rehúsa a morir y va a beber con sus verdugos. Deambula eternamente por la ciudad y aunque de él eventualmente las personas huyan, resiste obstinadamente a despedirse de sus amigos.

A los que todavía creen que vale la pena perder amigos a causa del juicio de un político, les recuerdo la sugerencia del columnista y humorista brasileño José Simão: “Pelear por política en Brasil es como tener un

ataque de celos en la zona roja. No hay vírgenes en la política en Brasil.” Esto incluye sus publicaciones en las nubes de la posverdad.

No mueran como idiotas. “La vida es muy corta para ser tan pequeña”, ya decía otra voz responsable por mi visión sobre la finitud, el siempre primorosamente atormentado Fernando Pessoa.

En 2018, dos de cada tres sudamericanos van a elegir un nuevo presidente. Espero que no se emule por toda América Latina el contexto narrado por mi gran amigo y hermano argentino, el defensor público Ricardo Golly, cuando describía los tiempos sombríos de nuestros padres en las últimas dictaduras argentina y brasileña, en las cuales “el simple acto de pensar, de ser generoso, de ser humano, era visto como subversivo.”

¡Qué miedo me dan los años electorales en nuestros países! Estábamos intentando resolver problemas sociales con el código penal en las manos. Como en una crónica de un fracaso anunciado, en vez de cambiar la lógica, la recrudecemos: ¿por qué no colocar tanques y militares armados, con fusiles apuntados hacia gente simple e inocente, en las calles de las villas de la ciudad que se esfuerza en convencerse de que es maravillosa?

Un niño no debería conocer el caño de un revólver de frente.

Lo bueno es que siempre que les escribo, vuelve la esperanza. Vinicius seguramente tenía razón, “la gente no hace amigos, los reconoce”.

Nunca conté tanto los días para una elección democrática con miedo de que nunca llegue.



## Um mundo mal-humorado

*Parem todos os relógios, desliguem o telefone  
Impeçam o cão de latir com um osso suculento  
Silenciem os pianos e com tambor abafado  
Tragam o caixão, deixem as carpideiras vir  
As estrelas já não são necessárias  
joguem fora cada uma  
Embrulhem a lua e desmantelem o sol  
Esvaziem o oceano e varram a floresta  
Pois nada mais agora pode ter algum valor.  
W.H. Auden, Funeral Blues*

“Marcella, ele já viu um negro antes?”, perguntou, de forma jocosa um amigo de minha esposa, que veio visitá-la para conhecer nosso Joaquim no alto dos seus sete meses. O comentário foi impulsionado pelo olhar fixo do pequeno infante, reação normal nesta idade ao primeiro contato com um desconhecido branco, preto, amarelo, vermelho, de qualquer sexo, gênero, credo ou ausência pós-moderna de algumas dessas marcas. A reação seguinte de Joaquim é sempre um largo sorriso.

O comentário não me passou despercebido. A consciência do amigo de sua própria epiderme, um personagem que caminha com ele e que é notado pelo segurança do supermercado quando ele sai de casa de maneira um pouco mais casual em um domingo nublado e sonolento só para comprar um queijo, é insondável para outros seres humanos que caminham pelo planeta sem uma pele que fala, grita e é forçada a engajar-se em dialéticas indesejadas sem avisos prévios.

Relembro o leitor que dois em cada três latino-americanos irão eleger um presidente em 2018. Isso mesmo, UM e não UMA presidente. Isso porque, com exceção de Margarita Zavala, no México, e Marta Lucía Ramírez, na Colômbia, nenhuma outra candidata parece que se apresentará como alternativa a um mal-humorado e envelhecido patriarcado.

“Você votaria novamente em uma mulher”? Sylvia Colombo expressa seu espanto com a pergunta já corriqueira em uma recente coluna no jornal *Folha de São Paulo*. Apesar dos desastrosos governos liderados por homens, essa jamais seria uma indagação feita: “você teria coragem de votar em um homem depois do governo de Maduro, Chaves, Lula, Temer, Macri, Ortega, Trump, Putin etc.?”. Entretanto, o questionamento se tornou corriqueiro diante dos tropeços dos recentes governos liderados por mulheres presidentes na América Latina, e em particular no Brasil e na Argentina.

Como o negro, a mulher também leva consigo estigmas “invisíveis”, e o que buscamos, nas palavras de Michel Foucault, “[...] consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que ponto é invisível a invisibilidade do visível”.

“Você votaria em uma mulher negra?”, certamente será a pergunta seguinte neste contexto tão “ilustrado”.

Talvez por isso o mundo ande tão mal-humorado. Aponto para a espantosa reduzida presença de mulheres no cenário político e jurídico como parte da razão do azedume que percebo atualmente no mundo. Imagine qual seria o fim, hoje em dia, da divertida banda *Village People* e suas fantasias

conscientemente estereotipadas? “Índio não é fantasia”. Mecânico pode? Enfermeira está proibido ou é sexista? Imagine se se sugerisse no carnaval em Gualeguaychú, em meio ao intolerante e geralmente ignorante e fútil ativismo cibernético, que se fantasiar de índio é apropriação cultural, que índio não é fantasia. Sim, esse foi o debate que permeou o carnaval brasileiro, impulsionado por uma fantasia de uma atriz carioca.

Faltou sala de aula para quem demanda que uma festa popular com uma tradição que data de milênios, fundada na subversão jocosa de papéis, siga os parâmetros de um museu etnográfico. Faltou, também, humor. Ou homem fantasiar-se de mulher no carnaval agora é sexista? Como ficamos terrivelmente desajeitados, seria isso um escárnio, uma humilhação proposital que impomos à mulher durante os dias de folia?

O nível de superficialidade é tão alarmante que não se ultrapassa mais o nível da epiderme. Como se salva uma geração que se convenceu que o limite de um texto é 140 caracteres?

Ah, Darcy Ribeiro! Não te fizeram caso quando vaticinastes nos anos 1980 que nos faltariam recursos para construir presídios se não construíssemos escolas. Tristemente te conto que Brasil é hoje um lugar muito perigoso para quem defende que dignidade é algo ontológico, intrínseco ao simples fato de sermos humanos. Somos o quarto país mais perigoso do mundo, segundo levantamento da Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Três de cada quatro assassinatos de militantes da área de Direitos Humanos no mundo estão concentrados entre o Brasil e a Colômbia. Em 2016, houve um assassinato a cada cinco dias, de acordo com o Comitê Brasileiro de Direitos Humanos.

Que aprendamos a dialogar com o outro de uma maneira mais feminina e fazer perguntas mais leves, justas, menos sexistas, racistas, xenóforas e misóginas. Espero poder ensinar ao meu pequeno Joaquim a continuar sorrindo segundos depois do primeiro encontro, seja qual for a pele ou a forma de seu interlocutor. Espero que ainda nos sobrem traços de dignidade e humanidade que ele possa reconhecer.

Feliz 8 de março. Feliz 8 de todos os meses. Feliz todos os meses.  
Todos os anos e todos os dias. Todo dia é dia de mulher.

Obrigado, Marcella, Maria, Marina, Lola, Marisa, Mônica, Rose,  
Solange, Vera, Verônica, Azul, Ângela, Ju, Carol, Eleonora, Grazi, Babi,  
Beth, Carmelita, Claudia, Flor etc. pelo bom humor, fortaleza e leveza.

Obrigado, Marielle.

## Un mundo malhumorado

*Detengan los relojes, apaguen los teléfonos  
Arrojen huesos a los perros para que no ladren  
Silencien los pianos, y con tambores en sordina  
Saquen el ataúd, dejen paso al cortejo  
Ya no se necesitan las estrellas  
Apáguenlas todas  
Empaqueten la luna y desmantelen el sol  
Vacíen el océano y barran los bosques  
Porque de ahora en adelante ya nada servirá.*  
W.H. Auden, Funeral Blues

“Marcella, ¿él ya vio un negro alguna vez?”, le preguntó de forma jocosa un amigo de mi esposa que vino a visitarla para conocer a nuestro Joaquim en el esplendor de sus siete meses. El comentario fue impulsado por la mirada fija del pequeño infante, reacción normal en esta edad al primer contacto con un desconocido blanco, negro, amarillo, rojo, de cualquier sexo, género, creencia o ausencia posmoderna de algunas de estas marcas. La reacción de Joaquim que le sigue es siempre una gran sonrisa.



El comentario no me pasó desapercibido. La conciencia de este amigo de su propia epidermis, un personaje que camina con él y que es notado por la seguridad del supermercado cuando sale de casa de manera un poco más casual un domingo nublado y somnoliento para comprar pan, es insondable para otros seres humanos que caminan por el mundo sin una piel que dice, grita y es forzada a involucrarse en dialécticas indeseadas sin avisos previos.

Les recuerdo a los lectores que, dos de cada tres latinoamericanos elegirán un presidente en 2018. Exactamente eso, un y no una presidente. Esto porque a excepción de Margarita Zavala, en México, y Marta Lucía Ramírez, en Colombia, ninguna otra candidata parece que se presentará como alternativa a un malhumorado y envejecido patriarcado.

“¿Votarías nuevamente a una mujer?” Sylvia Colombo expresa su espanto con la pregunta corriente en una reciente columna del diario *Folha de São Paulo*. A pesar de los desastrosos gobiernos liderados por hombres, esa jamás sería una indagación hecha: “¿Te animarías a votar a un hombre después del gobierno de Maduro, Chaves, Lula, Temer, Macri, Ortega, Trump, Putin, etc?”. Sin embargo, el cuestionamiento se volvió habitual delante de los tropiezos de los recientes gobiernos liderados por mujeres presidentes en América Latina, y en particular en Brasil y Argentina.

Al igual que el negro, la mujer también lleva consigo estigmas “invisibles”, y lo que buscamos, en palabras de Michel Foucault, es “[...] no hacer ver lo invisible, sino hacer ver hasta qué punto es invisible la invisibilidad del visible”.

“¿Votarías a una mujer negra?”, seguramente será la pregunta siguiente en este contexto tan “ilustrado”.

Tal vez por eso el mundo ande tan malhumorado. Apunto para la espantosa reducida presencia de mujeres en el escenario político y jurídico como parte de la razón de la acritud que percibo actualmente en el mundo. Imaginate ¿cuál sería el final, hoy en día, de la divertida banda *Village People* y sus vestimentas conscientemente estereotipadas? “Indio no es

un disfraz”. ¿Mecánico se puede? ¿Enfermera está prohibido o es sexista? Imaginate si se sugiriese en el carnaval de Guauguaychú, en medio al intolerante y generalmente ignorante y fútil activismo cibernético, que disfrazarse de indio es apropiación cultural, que indio no es disfraz. Sí, ese fue el debate que permeó al carnaval brasileño, impulsado por el disfraz de una actriz carioca.

Le faltaron clases a quien demanda que una fiesta popular con una tradición que data de milenios, fundada en la subversión jocosa de papeles, siga los parámetros de un museo etnográfico. Le faltó, también, humor. ¿Que un hombre se disfrace de mujer en el carnaval ahora es sexista? ¿Es porque nos vemos terriblemente desarreglados que sería un escarnio, una humillación a propósito, que le imponemos a la mujer durante los días de fiesta?

El nivel de superficialidad es tan alarmante que no se ultrapasa el nivel de la epidermis. ¿Cómo se salva una generación que se convenció de que el límite de un texto es 140 caracteres?

¡Ah, Darcy Ribeiro! No te hicieron caso cuando vaticinaste en los años ‘80 que nos faltarían recursos para construir presidios si no construyésemos escuelas. Tristemente te cuento que Brasil es hoy un lugar muy peligroso para quien defiende que la dignidad es algo ontológico, intrínseco al simple hecho de ser humano. Somos el cuarto país más peligroso del mundo según un estudio de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos. Tres de cada cuatro asesinatos de militantes del área de los Derechos Humanos en el mundo están concentrados entre Brasil y Colombia. En 2016 hubo un asesinato cada cinco días, de acuerdo con el Comité Brasileño de Derechos Humanos.

Que aprendamos a dialogar con el otro de una manera más femenina y a hacer preguntas más leves, justas, menos sexistas, racistas, xenofóbicas y misóginas. Espero poder enseñarle a mi pequeño Joaquim a continuar sonriendo segundos después de un primer encuentro, sea cual fuera la piel o forma de su interlocutor. Espero que aún nos sobren trazos de dignidad y humanidad que él pueda reconocer.

Feliz 8 de marzo. Feliz 8 de todos los meses. Feliz todos los meses. Todos los años y todos los días. Todos los días son días de las mujeres.

Gracias, Marcella, Maria, Marina, Lola, Marisa, Mônica, Rose, Solange, Vera, Verônica, Azul, Ângela, Ju, Carol, Eleonora, Grazi, Babi, Beth, Carmelita, Claudia, Flor, etc., por el buen humor, fortaleza y levedad.

Gracias Marielle.

## Chá Revelação

*Hoje busco abrigar-me dentro de um romance  
Deixo que personagens e histórias me carreguem do real  
Habitó memórias e me deparo com o assoalho de tábuas  
de madeira escura e clara da casa da minha avó  
O piso de ladrilhos da cozinha em preto e branco  
lembrava um tabuleiro de xadrez  
O cheiro de carne assada na quentura do arroz  
O suco de bacuri feito cortado na tesoura  
Assim sobrevivo a esse dia cínico  
Farsa de rito  
Pouca elegância em tempos violentos.  
Tânia Rêgo, Ultrajante*

Diz o colunista da *Folha de São Paulo*, José Simão, que a gente sabe que está ficando velho quando a Globo lança uma novela de época e é a nossa época. Tenho alma antiga, uso relógio de bolso, não tenho perfis em nenhuma mídia social e ainda assim sou perseguido por insistentes anúncios em meu e-mail e navegador.

Não é que goste de um passado idílico e romantizado, mas sinto falta de um presente e um futuro com intimidade e cumplicidade a dois, em família, com poucos amigos.

Venho de uma época na qual a preocupação maior era a capacidade do mercado de reificação da arte, de expressões culturais e de absorver a própria subjetividade humana e comercializá-la, em um processo histórico inerente às sociedades capitalistas como nos havia alertado Karl Marx. Não havia dessacralização maior, e as trincheiras da contracultura eram armadas neste cenário.

Quão *naïve* éramos. Mal sabíamos que não haveria em poucas décadas uma única sombra sequer que nos protegeria dos olhares digitais sempre atentos a nos roubar o caráter de seres orgânicos e a nos impor a passividade e automatismo dos objetos e mercadorias circulantes no mercado. Como no icônico videoclipe – sou dessa época – da música “The Wall” da psicodélica banda Pink Floyd, caminhamos como os pequenos estudantes ingleses rumo ao moedor de carne e acabamos como um exército autômato de dois bilhões de provedores de conteúdo íntimo gratuito a uma rede social que lucra com a carne moída de nossos dados pessoais que voluntariamente lhe regalamos.

Não há ato privado de intimidade que não possa mais ser coisificado e comercializado. E o pior, com o apoio e aplauso de bestializados seres.

O ápice ilustrativo da transformação da vida em um único *reality show* é o tal Chá Revelação, que ultrapassa a crudeza epidérmica dos *nudes* e a insistência da cultura das *selfies* em banalizar o cotidiano. Lembra-se daquela emoção do ritual a dois de descoberta do sexo de seu tão sonhado bebê? Aquele momento no qual nasciam um pai e uma mãe? Nascia, ainda, em um seguinte e emocionante ritual familiar, um avô e uma avó, um tio e uma tia, no contar com brilho nos olhos para os mais próximos e íntimos do sexo do futuro rebento.

Que nada! Bobagem ultrapassada. O barato do momento é pedir ao obstetra que não ouse romper o segredo sobre o que esconde o infante entre

as pernas em sua escura e gélida sala de ultrassom, que não ameaça impedir que a vizinhança e por que não, o mundo, participe deste momento que a todos subitamente parece interessar? Por que não entregar o resultado do exame a um *buffet* de festas, gente íntima que o casal acaba de conhecer por telefone, e pedir-lhes que confeccione um bolo com um rosa interno em caso de garota ou um azul escondido sob uma camada densa de chocolate se for um menino. Aí é só armar o circo no salão de festas do condomínio, preparar os celulares, aquecer o Instagram, acionar o Youtube, Zapzap na mão e...tcham, cortar o bolo na presença de milhares de pessoas *on e off-line* e derramar aquela lágrima de emoção naturalmente ensaiada. Chá Revelação. A idiotice do momento.

Pedidos de casamento em aeroportos, em aviões, sexo filmado e distribuídos por celular. Nesse contexto, sinto que envelheci antes mesmo que a novela de minha época seja lançada.

Lembro-me, com frequência, do inusitado personagem de Woody Allen no filme *Sleeper*, de 1973, no Brasil traduzido como *Dorminhoco*. Miles Monroe se interna para uma pequena cirurgia de apendicite, entra em coma e acorda no distante e estranho mundo de 2173. Causava-lhe particular angústia uma máquina chamada Orgamastron. A mulher entrava de um lado e o homem, separadamente, no outro. A máquina se mexia, soltava alguma fumaça, e os dois saíam cada um pelo seu lado, sem terem tido contato físico, mas com olhares de êxtase. Era o sexo do futuro. Passado alguns momentos, vinha a insatisfação do personagem. Em vão, tentava explicar às mulheres desse longínquo futuro que havia uma outra maneira, um pouco mais manual, de se fazer amor. Em vão. Ninguém lhe dava ouvidos.

Detalhe: a máquina ficava na sala.

Lembro-me rindo, 30 anos atrás, quando vi o filme pela primeira vez, das angústias do personagem rebelde de Woody Allen, que resistia anacronicamente aos “avanços” do futuro. Mal sabia que Miles Monroe era eu. Sem precisar dormir décadas, testemunhei o nascimento de *orgamastrons* debaixo de minhas barbas, a olhos nus.

Em vão, insisto em meu arcaísmo de que certas coisas deveriam acontecer na intimidade do casal. Minha mulher ainda me ouve. Temo que meu rebento não. Soube seu sexo aos 5 meses de gravidez, só eu e minha esposa, quando morávamos em Buenos Aires. Somente depois disso, e por um analógico telefonema sem vídeo, é que os avós se souberam avós. Nem sabiam que grávidos estávamos.

Um mundo com estética de videogame. Vou-me embora para Gualeguaychú. Lá sou amigo do rei. Tenho o mate que quero, na calçada que escolherei.

# Fiesta de Revelación

*Hoy busco cobijarme dentro de un romance  
Dejo que personajes e historias me llenen de lo real  
Habitó memorias y me deparo con el parqué de tablas  
de madera oscura y clara de la casa de mi abuela  
El piso de ladrillos de la cocina blanco y negro  
parecía un tablero de ajedrez  
El olor a carne asada en la calentura del arroz  
El jugo de bacuri hecho cortado con tijera  
Así sobrevivo a este día cínico  
Farsa de rito  
Poca elegancia en tiempos violentos  
Tânia Rêgo, Ultrajante*

Dice el columnista de *Folha de São Paulo*, José Simão, que sabemos que nos estamos poniendo viejos cuando la Globo lanza una novela de época y es nuestra época. Tengo un alma antigua, uso reloj de bolsillo, no tengo perfil en ninguna red social y así mismo soy perseguido por insistentes anuncios en mi email y navegador.



No que quiera un pasado idílico y soñado, pero extraño un presente y un futuro con intimidad y complicidad de a dos, en familia, con pocos amigos.

Vengo de una época en la cual la preocupación mayor era la capacidad del mercado de reificación del arte, de expresiones culturales, y de absorber la propia subjetividad humana y comercializarla, en un proceso histórico inherente a las sociedades capitalistas como nos había alertado Karl Marx. No había desacralización mayor, y las trincheras de la contracultura eran armadas en este escenario.

Que *naive* éramos. Mal sabíamos que no habría en pocas décadas una única sombra siquiera que nos protegiera de las miradas digitales, siempre atentas a robarnos el carácter de seres orgánicos e imponernos la pasividad y automatismo de los objetos y mercaderías circulantes en el mercado. Como en el icónico video clip – soy de esa época – de la canción *The Wall*, de la psicodélica banda Pink Floyd, caminamos como los pequeños estudiantes ingleses rumbo al moledor de carne, y terminamos como un ejército autómatas de dos mil millones de proveedores de contenido íntimo gratuito a una red social que lucra con la carne picada de nuestros datos personales, que voluntariamente le regalamos.

No existe acto privado de intimidad que no pueda más ser cosificado y comercializado, y lo peor, con el apoyo y aplauso de bestializados seres.

El ápice ilustrativo de la transformación de la vida en un único *reality show* es la tal Fiesta de Revelación, que ultrapasa la crudeza epidérmica de las *nudes* y la insistencia de la cultura de las *selfies* en banalizar lo cotidiano. ¿Te acordás la emoción del ritual de a dos del descubrimiento del sexo de tu tan soñado bebé? ¿Ese momento en el cual nacía un padre y una madre? Nacía, también, en un seguido y emocionante ritual familiar, un abuelo y una abuela, un tío y una tía, en el contarle con brillo en los ojos a los más cercanos e íntimos el sexo del futuro retoño.

¡Olvidate! Tonterías pasadas de moda. La onda del momento es pedirle al obstetra que no se atreva a romper el secreto sobre lo que esconde el infante entre las piernas en su oscura y gélida sala de ecografías, que

no amenace impedir que la vecindad y por qué no, el mundo, participe de ese momento que a todos súbitamente parece interesarles. ¿Por qué no entregarle el resultado del examen a un catering de fiestas, gente íntima que la pareja acaba de conocer por teléfono, y pedirles que confeccionen una torta con un rosa interno, en caso de una nena, o un celeste escondido bajo una densa capa de chocolate, si es un varón? Después es sólo armar el circo en el salón de fiestas del edificio, preparar los celulares, calentar el Instagram, accionar Youtube, Wasap en mano y ...chachan, cortar la torta en presencia de miles de personas *on* y *offline* y derramar una lágrima de emoción naturalmente ensayada. Fiesta de Revelación. La idiotez del momento.

Pedidos de casamiento en aeropuertos, en aviones, sexo filmado y distribuido por celular. En este contexto, siento que envejecí incluso antes de que la novela de mi época saliese al aire.

Me acuerdo con frecuencia del inusitado personaje de Woody Allen en la película *Sleeper*, de 1973, en la Argentina traducido como *El Dormilón*. Miles Monroe se interna para una pequeña cirugía de apendicitis, entra en coma y despierta en el distante y extraño mundo de 2173. Le causaba una particular angustia una máquina llamada *Orgasmatron*. La mujer entraba de un lado y el hombre, separadamente, del otro. La máquina se movía, soltaba un humo y los dos salían cada uno por su lado, sin haber tenido contacto físico, pero con miradas de éxtasis. Ese era el sexo del futuro. Pasado un rato, venía una insatisfacción del personaje. En vano intentaba explicarles a las mujeres de ese lejano futuro, que había otra manera, un poco más manual, de hacer el amor. En vano. Nadie lo escuchaba.

Detalle: la máquina estaba en la sala.

Me recuerdo riéndome, treinta años atrás cuando vi la película por primera vez, de las angustias del personaje rebelde de Woody Allen, que resistía anacrónicamente a los “avances” del futuro. Mal sabía que Miles Monroe era yo. Sin precisar dormir décadas, testimonié el nacimiento de *orgasmatrons* frente a mis narices, a simple vista.

En vano insisto en mi arcaísmo, que ciertas cosas deberían suceder en la intimidad de la pareja. Mi mujer todavía me escucha. Temo que mi retoño no. Supe su sexo a los cinco meses de embarazo, sólo mi esposa y yo, cuando vivíamos en Buenos Aires. Solamente después de esto, y por una analógica llamada sin video, fue que los abuelos se supieron abuelos. Ni sabían que embarazados estábamos.

Un mundo con estética de video juego. Me voy a Gualeguaychú. Allá soy amigo del rey. Tengo el mate que quiero, en la vereda que elegiré.

## Posfácio

### **Não há espírito sem razão**

*Cartas a Gualeguaychú* bem que poderia ser *Cartas à humanidade*. Trata-se de um diálogo plural, diversificado, mas também íntimo e de uma intimidade que se faz multidão. A intimidade dos muitos é a que sempre convida à amizade.

Cada *Carta* de Plauto é um convite para continuar aprendendo do mundo de ontem; mas também é um convite para pensar o mundo de hoje para sermos protagonistas no mundo de amanhã. Por isso, o leitor percebe que estas *Cartas*, cada uma delas e todas elas juntas, trazem o presságio – a maravilha e o assombro – que inauguram novos mundos.

O termo carta é oriundo do latim (*charta*) e nos remete originalmente a um papel que porta uma mensagem escrita. Isso implica que alguém escreve pensando em um destinatário que lê, ou seja, que consome (somar com) a transmissão da mensagem.

Claro que com a revolução tecnológica e a comunicação digital, hoje a noção de carta inclui, por exemplo, os e-mails e outros tipos de plataformas. Entretanto, a essência sempre é a mesma: enviar uma mensagem a outro destinatário.

Plauto nos lembra que todos nós somos, ao fim e ao cabo, leitores. Até mesmos nossos analfabetos são leitores porque leem, no ar, um jornal permanente por meio da palavra oral, esse diálogo de almas que, às vezes, se expressa com olhares, gestos... incluso no silêncio que também é parte do encontro.

Claro que há muitas classes de carta: a carta documento, essa ferramenta temível e terrível que reclama direitos; a carta dos restaurantes na qual se estabelece o menu; as Cartas Magnas que remetem às Constituições das Nações... as cartas de baralhos ou naipes e até a conceitos fronteiriços e perigosos com a “carta branca”, uma expressão metafórica para indicar a liberdade total que se dá a uma pessoa ou grupo para agir além dos limites permitidos.

A que nos interessa é a definição de carta que nos serve para comunicar ideias e pensamentos, mas também para contar histórias, dar notícias, expressar sentimentos... e, por fim, ser em sociedade.

Cada linha de Plauto tem esse destino, como as cartas náuticas que nos permitem ler, no mapa, o roteiro que nos assegura o trânsito ou a viagem e evitar que nos percamos na imensidão do oceano.

Comunicação, comunidade e comunhão constituem um tripé que permite situar a cultura do diálogo e para isso se requer reciprocidade.

Não há comunicação sem reciprocidade. Para viver em comunidade, tem-se de exercer a reciprocidade. E, para tanto, deve-se estar em comunhão, em harmonia; dito de outra forma, ser conscientes do equilíbrio, mas também da proporção e da correspondência adequada que deve-se estabelecer entre as diferentes partes do conjunto.

Também empregamos o conceito de harmonia como a construção amável para as relações de paz, concórdia e entendimento entre as pessoas e povos. E aí está uma das chaves centrais que propõe Plauto para continuar este maravilhoso trânsito em direção a nós mesmos e rumo ao encontro com o próximo.

Ser próximo é ser semelhante, ou seja, perceber a ponderação que nos equivale e nos faz um... mas, ao mesmo tempo, diferentes. Eis aí a igualdade da diversidade, a singularidade do que se percebe como plural,

a originalidade já não como uma extravagância, mas como um regresso às fontes, à origem... justamente para se seguir marchando.

*As Cartas a Gualeguaychú* refletem um processo de encantamento (eis aqui o feitiço), ou seja, o convite oportuno para viver essa sensação que contém elementos psíquicos, mas também mágicos e que se traduzem com elementos culturais que nos fazem ser exatamente de um determinado povo e ainda assim universais. Não há espírito sem razão, e essa é outra constatação de Plauto.

Bem nos ensina o autor de *Cartas a Gualeguaychú*, logo no início do percurso de suas páginas: “(...) Finalmente, este livro é prova de que o mais belo que conseguimos fazer em nossas vidas é sempre uma obra coletiva”. Mas, para isso, o próprio Plauto nos adverte como uma lição de vida, “que nenhum preconceito sobrevive a um café com o outro”. Nenhum preconceito sobrevive à dimensão do diálogo. E isso é *Cartas a Gualeguaychú*, um diálogo íntimo que se faz universal.

Temos agora a palavra como ferramenta de humanidade. Temos a linguagem como expressão clara da cultura e também da identidade. E com *Cartas a Gualeguaychú* temos o mapa preciso que nos permitirá orientar nossos passos para não nos perdermos no esquecimento.

*Cartas a Gualeguaychú* é o mapa de que necessitávamos para descobrir este tesouro que se chama diálogo e integração.

Se algo caracteriza este século XXI – tão vertiginoso como impessoal –, será o mergulhar na cultura do diálogo como uma ferramenta para a paz. Porque nos orienta a deixarmos de ser clientes eleitorais para sermos cidadãos da democracia. Nos coloca no plano da igualdade, aprendendo de nossas diferenças. Nos situa no ponto preciso para que o encontro não represente uma despedida, senão que inaugure os novos mundos de que necessitamos para que nossos filhos – como bem nos ensina e anseia o juiz Arturo Exequiel “Pampa” Dumón – possam brincar juntos.

Assim, *Cartas a Gualeguaychú* vence todos os temores porque dá espírito à razão.

Nahuel Maciel  
Gualeguaychú, março de 2018.



# Epílogo

## **No hay espíritu sin razón**

*Cartas a Gualeguaychú* bien podría entenderse como Cartas a la humanidad. Se trata de un diálogo plural, diverso, pero también íntimo y de una intimidad que se hace multitud. La intimidad de los muchos es la que convoca siempre a la amistad.

Cada *Carta* de Plauto es una invitación a seguir aprendiendo del mundo del ayer; pero también es invitar a pensar en el mundo de hoy para ser protagonistas del mundo del mañana. Por eso el lector percibe que estas *Cartas* – cada una de ellas y todas ellas juntas – tienen el portento – la maravilla y el asombro – de inaugurar nuevos mundos.

El término carta proviene del latín (*charta*), y remite originalmente a un papel que porta un mensaje escrito. Esto implica que alguien escribe pensando en un destinatario que lee, es decir, consumir (sumar con) la transmisión de un mensaje.

Claro que con la revolución tecnológica y las comunicaciones digitales, hoy la noción de carta incluye por ejemplo a los correos electrónicos y otros tipos de plataformas. Pero, la esencia siempre es la misma: enviar un mensaje a otro destinatario.



Plauto nos recuerda que todos somos, en definitiva, lectores. Aún nuestros analfabetos son lectores, porque “leen” en el aire un diario permanente a través de la palabra oral, de ese diálogo de almas que a veces se expresa en miradas, en gestos... incluso en ese silencio que también es parte del encuentro.

Claro que hay muchas clases de cartas: la carta documento, esa herramienta temible y terrible que reclama derechos; la carta de los restaurantes donde establecen el menú; las Cartas Magnas que remiten a las Constituciones de las Naciones... las cartas como barajas o naipes y hasta conceptos fronterizos o peligrosos como “carta blanca” que es una expresión metafórica para indicar la libertad total que se le da a una persona o grupo para actuar más allá de los límites permitidos.

La que nos interesa es la definición de carta que nos sirve para comunicar ideas y pensamientos, pero también contar historias, dar noticias, expresar sentimientos... en definitiva ser en sociedad.

Cada línea de Plauto tiene ese destino, como las cartas náuticas que permiten leer en el mapa el derrotero para asegurar el tránsito o el viaje y no perderse en el inconmensurable océano.

Comunicación, comunidad y comunión es un trípode que permite situar a la cultura del diálogo y para ello se requiere reciprocidad.

No hay comunicación sin reciprocidad. Para vivir en comunidad hay que ejercer la reciprocidad. Y para ello se requiere estar en comunión, en armonía; es decir, ser conscientes del equilibrio, pero también de la proporción y la correspondencia adecuada que debe establecerse entre las diferentes partes que hacen a un conjunto.

Pero también empleamos el concepto de armonía como la construcción bondadosa para las relaciones de paz, concordia y entendimiento entre las personas y los pueblos. Y ahí está una de las claves centrales que propone Plauto para continuar este maravilloso tránsito hacia uno mismo y hacia el encuentro con el prójimo.

Ser prójimo es ser semejantes, es decir, percibir la ponderación que nos equivale y nos hace uno... pero al mismo tiempo, diferentes. He ahí la igualdad de la diversidad, la singularidad de lo que se percibe como plural,

la originalidad ya no como una extravagancia sino como un regreso a las fuentes, al origen... justamente para seguir marchando.

Las *Cartas a Gualeguaychú* reflejan un proceso de encantamiento (he ahí el hechizo), es decir, la invitación oportuna para vivir esa sensación que contiene elementos psíquicos pero también mágicos y que se traducen con elementos culturales que nos hacen ser precisos de un pueblo determinado pero al mismo tiempo universales. No hay espíritu sin razón y ese es otro hallazgo de Plauto.

Bien lo enseña el autor de *Cartas a Gualeguaychú* a poco de recorrer sus páginas: "(...) Finalmente este libro, son pruebas de que lo más bello que logramos hacer en nuestras vidas es siempre una obra colectiva". Pero para ello, el propio Plauto advierte como una enseñanza de vida, "que ningún prejuicio sobrevive a un café con el otro". Ningún prejuicio sobrevive a la dimensión del diálogo. Y eso es *Cartas a Gualeguaychú*, un diálogo íntimo que se hace universal.

Tenemos ahora la palabra como herramienta de humanidad. Tenemos el lenguaje como expresión clara de la cultura y también de la identidad. Y con *Cartas a Gualeguaychú* tenemos el mapa preciso que nos permitirá orientar nuestros pasos para no perdernos en el olvido.

*Cartas a Gualeguaychú* es el mapa que necesitamos para descubrir este tesoro que se llama diálogo e integración.

Si algo caracterizará a este siglo XXI – tan vertiginoso como impersonal –, será el abreviar en la cultura del diálogo como una herramienta para la paz. Porque nos orienta para dejar de ser clientes electorales para ser ciudadanos de la democracia. Nos ubica en el plano de la igualdad aprendiendo de nuestras diferencias. Nos sitúa en el punto preciso para que el encuentro no encierre una despedida, sino que inaugure los nuevos mundos que se necesitan para que nuestros hijos – como lo enseña y lo anhela el juez Arturo Exequiel "Pampa" Dumón – puedan jugar juntos.

Así, *Cartas a Gualeguaychú* vence todos los temores porque le da espíritu a la razón.

Nahuel Maciel  
Gualeguaychú, marzo de 2018.

Este livro foi impresso pela Usina do Livro,  
em Julho de 2018, em Belo Horizonte.  
O texto foi composto na fonte Aparajita, corpo 13.  
A impressão do miolo foi feita em papel Pólen 80g.

Las crónicas conjugan la densidad de un lector atento, con un texto leve y generoso, de quien conoce la condición humana, sus contradicciones, angustias y delicadezas. Cultura y afecto son la savia de la misma raíz de la humanidad. Plauto sabe traducir ese encuentro en historias deliciosas. ¡Lo recomiendo mucho!

Andréa Pachá, escritora y jueza, Brasil.

*Cartas a Guauguaychú* bien podría entenderse como *Cartas a la humanidad*. Se trata de un diálogo plural, diverso, pero también íntimo y de una intimidad que se hace multitud. La intimidad de los muchos es la que convoca siempre a la amistad.

Nahuel Maciel, *El Argentino*.

“Los pequeños pasos hacia el infierno” me genera una enorme envidia (sana, espero...). Cómo se escribe tanto en tan poco espacio? Es desolador para mí, jamás pude hacerlo...! Se trata de un texto de ¡sólo 2 páginas!, pero de una enorme riqueza e intensidad, que roza aspectos jurídicos, sensibilidad social, historia, legislación, opciones culturales no convencionales y la crítica contundente a las más variadas e inaceptables dimensiones de la discriminación. Es poesía en prosa, un texto notable.

Jorge O. Bercholle, Universidad de Buenos Aires.

Plauto Cardoso en *Cartas a Guauguaychú* no tan solo nos deleita con su prosa, que de repente nos da la sensación de estar leyendo poesía, por los sentimientos que nos hace surgir, sino también porque en cada uno de ellos nos ilustra con algún autor u obra, haciéndonos el gran favor de sintetizarlo y de invitarnos a conocerlo. La prosodia que marca el ritmo de estos escritos literario-periodísticos bien se puede comparar con la cadencia y drama que solo un buen Tango nos puede dar.

Víctor David Pitalúa Torres, Redipal, Cámara de Diputados, México.

Cuando Plauto Cardoso abre su corazón en las *Cartas a Guauguaychú* nos invita a recuperar la esperanza en la humanidad, a vencer el miedo, a creer, a crecer como especie por medio de la educación, a volver a pensar con la cabeza, a llenar el derecho de amor, de justicia. Sus cartas son emancipadoras, van dirigidas a todos los soñadores, transformadores y hacedores de un mejor mundo, para que Joaquim y todos los niños del mundo no tengan que heredar las guerras absurdas de los adultos.

María Carolina Estepa Becerra, Colombia.  
Instituto Interamericano de Derechos Humanos, Costa Rica.

ISBN 978-85-3469-074-3



9 788594 690743



BIBLIOTECA  
PÚBLICA ESTADUAL  
DE MINAS GERAIS



CIRCUITO  
LIBERDADE

iepha  
MINAS GERAIS

+ CULTURA

MINAS  
GERAIS  
DIÁLOGO EQUILÍBRIO TRABALHO